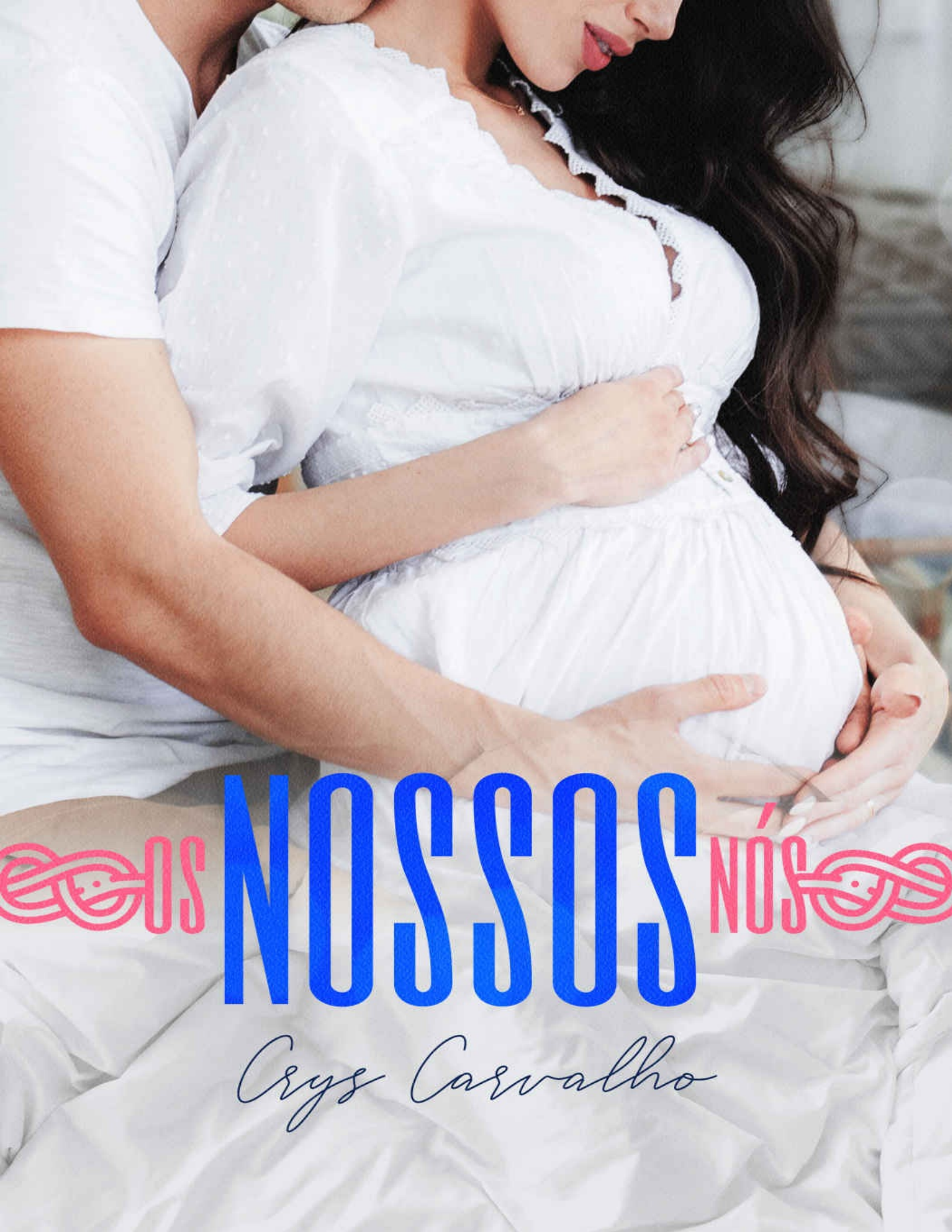




OS NOSSOS NÓS

Crys Carvalho



 **NOSSOS**  **NÓS**

Crys Carvalho

Copyright© By Crys Carvalho
Revisão: Bárbara Pinheiro
Leitura Crítica: Danielle Barreto
Capa: Will Capas
Diagramação: Crys Carvalho

Dados internacionais de catalogação (CIP)

Carvalho, Crys

Os nossos nós

1ª Ed Parauapebas, Pará, 2019

1.Literatura Brasileira. 2. Romance.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Está é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados pela autora. Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.



Sumário

[Sinopse](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)



Sinopse

Carol vivia plenamente feliz, quando uma tragédia recaiu sobre sua vida, levando embora parte do seu coração, deixando-a completamente atada ao nó desse amor perdido: Rodrigo.

Ruan sempre colocou os sentimentos das pessoas que o cercam acima dos seus e, com isso, acabou se enrolando e deixando pontas soltas por aí, inclusive, a mulher que sempre amou.

Alguns anos após a morte de seu irmão mais novo, ele reencontra Carol, sua ex-cunhada, que ainda não conseguiu superar o luto.

Uma inseminação artificial com o material genético de alguém importante para ambos.

Uma amizade que renasce depois de alguns tropeços.

Uma família que se molda de forma incomum.

Várias cordas que agora serão amarradas no maior nó da vida: o amor.



Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus o dom da escrita e à minha família por entender meus momentos de ausência nas últimas semanas.

Danielle Barreto, minha beta querida, obrigada pela paciência comigo, por estar sempre pronta a me responder quando preciso e pelas ideias incríveis. Barbara Pinheiro, a melhor amiga e revisora que alguém poderia ter, amo seus surtos e possessividade com os homens literários.

Quero deixar meu obrigada às minhas amigas de todas as horas que se disponibilizam sempre a me ajudar: Ariane Fonseca, Lucy Foster, Pry Oliver, Ray Pereira e Vall Chruscielski, vocês tornam os meus dias melhores e sou extremamente grata por tê-las em minha vida.

Talita Laquimia, nem sei como agradecer tudo que faz por mim e por acreditar que minhas loucuras vão resultar em algo bom, sou muito feliz pela sua amizade e parceria.

Um agradecimento especial aos leitores que me acompanham, não tenho palavras para agradecer o carinho que dispensam a mim e minhas histórias.

Aproveito para desejar um feliz Natal e próspero ano novo, que 2020 venha recheado de novas histórias.

Obrigada e até a próxima aventura.

*Dedico este livro a cada Carol
que passou pela minha vida.*



Prólogo

CAROL

Meu telefone toca insistentemente, me despertando do sono agitado.

— Carol Koch? — a voz do outro lado questiona.

— Sim — digo, ainda sonolenta.

— É sobre o seu marido, Rodrigo Koch. — O modo como a pessoa fala o nome, me põe em alerta máximo pelos próximos segundos, sento na cama, com o coração batendo desenfreado.

Meu marido está em uma viagem no coração da selva amazônica, cobrindo uma grande investigação da polícia federal, a qual eu não tenho detalhes suficientes para ficar tranquila quanto aos perigos que ele corre. Massageio o coração, antes de fazer a pergunta que martela na minha cabeça.

— O que aconteceu? — Soa mais baixo do que eu queria, mas, ainda assim, a pessoa do outro lado entende o que eu quis dizer.

— Ele sofreu um acidente... — Não, isso não está acontecendo.

— Espera... — Meu peito se comprime e eu não consigo respirar. — Rodrigo está bem? Diz para mim, que está tudo bem? — grito, desesperada, enquanto fica mudo do outro lado da linha.

— Sinto muito. — A maldita voz crava a faca em meu coração e o celular cai das minhas mãos.

— Não pode ser, não pode ser. É só um sonho ruim! — Lágrimas grossas escorrem pelo meu rosto, enquanto caio sobre a cama, abraçando minhas pernas.

Formamos aquele casal perfeito, como nos filmes de romance clichê, nos conhecemos na adolescência em um encontro estudantil e, desde então, não desgradamos mais. Dizer que nos amamos é pouco demais para o que sentimos, as fotos espalhadas pelo nosso apartamento são provas suficientes da vida perfeita que estamos construindo juntos, nas próximas semanas começaremos o tratamento para que possamos concretizar o sonho de ter um filho, então, isso definitivamente só pode ser um maldito pesadelo.

Corro até o guarda-roupa e pego uma de suas camisas, inalando seu cheiro.

“Está tudo bem, amor.” Consigo até mesmo ouvir a sua voz na minha cabeça ou suas mãos afagando meus cabelos.

É tudo mentira! — penso, em desespero.

O celular toca novamente e desta vez é um número conhecido que pisca na minha tela.

— Fala para mim que não é verdade, dona Edna, e o Rodrigo está bem... — Não consigo parar de soluçar enquanto falo.

— Ah, meu amor, eu sinto tanto! — Sua voz soa embargada. — Perdemos o nosso menino, eu perdi o meu filho... — Ela não consegue mais falar, alguém pega o telefone de suas mãos e a voz controlada do outro lado não esboça os sentimentos necessários para alguém que acabou de perder um irmão e isso me enfurece.

— Você está amando isso não é, Ruan? — esbravejo, começando a cuspir acusações ao meio-irmão de Rodrigo. — Sempre quis tudo o que era do seu irmão... Está satisfeito agora?

— Carol, sinto muito. Você está bem? — Meu cunhado usa um tom controlado demais.

Há um enorme silêncio do outro lado e meus soluços descontrolados agora ecoam por todo o quarto.

Como eu vou conseguir viver sem o amor da minha vida?



Dois anos depois

Abro os olhos para enfrentar mais um dia sem Rodrigo, eles têm sido todos iguais: sem graça e carregados de uma tristeza sem fim. Faço um esforço para me levantar da cama, vou até ao banheiro, lavo o rosto e depois sigo para a cozinha, em busca de uma dose de café, talvez me ajude a continuar enfrentando tudo isso.

Encaro a tela do meu notebook, talvez hoje eu consiga trabalhar. Abro o arquivo e a maldita cena do mocinho declarando amor eterno à sua amada faz meu estômago revirar, quero abrir a caixa de comentários e ter uma conversa séria com os personagens. Talvez dizer que eles não vão ser felizes e que o para sempre pode ser apenas uma ilusão, fecho a tela, irritada.

As lágrimas vêm novamente, há dias em que eu queria muito ter morrido com meu marido. O ar me falta, aperto os olhos, tentando segurar o choro, mas não consigo evitar. Eu só queria uma coisa para me agarrar, afundo no sofá em posição fetal e entrego-me à dor, que consome todo o meu corpo.

Escuto ao longe o som irritante do meu celular e ignoro, não estou com cabeça para falar com ninguém agora. O aparelho continua a tocar insistentemente e, por fim, resolvo atender.

— Senhor Rodrigo Pereira Koch? — uma voz feminina indaga, me deixando tensa.

— É a esposa dele, Carol. — Sinto um enorme nó se formando em minha garganta.

— Sou Fabiana, representante do departamento financeiro da Pro-sem, precisamos falar com o seu marido sobre o pagamento da taxa de manutenção semestral que está em atraso — a mulher diz em um tom quase robótico e começo a chorar repentinamente. — Desculpe, senhora, se quiser, posso ligar outra hora.

Cenas de um casal feliz invadem a minha cabeça, só queríamos garantir que o nosso futuro seria perfeito, como sempre havíamos imaginado e agora tudo acabou, de modo tão brutal.

— Meu marido morreu há dois anos — sussurro, hiperventilando.

— Sinto muito — ela diz, cheia de pesar.

Lembro-me do documento no fundo da minha gaveta da escrivaninha e

de repente me encho de esperanças. Limpo as lágrimas e faço a pergunta:

— Esse material pode ser utilizado por mim?

— Apenas se houver uma autorização assinada por seu marido e com firma reconhecida em cartório. — A mulher é enfática. — Você tem?

Demoro a responder e sinto uma euforia tomar o meu corpo, se eu tiver um filho de Rodrigo, terei algo dele para seguir em frente. Respiro fundo, massajeio a têmpora e penso se isso pode dar certo.

— Sim, eu tenho!



Capítulo 1

CAROL

Meses depois

Passeio as pontas dos dedos pelas minhas roupas em busca de um modelo específico, embora minha mente vagueie para um outro momento, um daqueles que jamais poderá se repetir. Eu perdi meu marido e conviver com a falta dele não é algo do qual estou disposta a aprender.

Rodrigo costumava comparar os relacionamentos à cordas, segundo ele, o fios de uma corda vão sofrendo transformações com o passar do tempo e à medida que isso acontece, os nós vão ficando mais fortes ou mais fracos. Em algum ponto o nosso nó se rompeu, mas não consigo me livrar da dor que essa perda me causou.

— Por que diabos você aceitou isso, Cá? — Helena me pergunta, tirando-me das divagações, enquanto coloco, saudosa, meu vestido florido que era o preferido de Rodrigo.

— Ah, amiga, eu sinto tanta saudade dele, você não entenderia! — Deslizo os dedos pelo quadro em cima da penteadeira, que exibe uma foto de nossa lua de mel.

— Nem o próprio Rodrigo entenderia, isso eu te garanto — ela diz, enfática.

— Me dá um desconto, hoje é um dia de vitória para mim, amanhã eu vou ao médico para acertarmos tudo para o procedimento e, apesar de ter um termo assinado por meu marido quando estava vivo, gostaria de pensar que ele concordaria com a decisão que tomei. — Tento justificar o que estou prestes a fazer.

— Amiga, eu juro que estou do seu lado nessa decisão e acho muito lindo tudo que está fazendo por amor ao Rodrigo — a vejo franzir o cenho —, mas temo que esteja fazendo isso pelos motivos errados.

— Tenho todo direito de errar, um dia que seja — argumento.

Helena caminha impaciente pelo quarto, passando as mãos pelo rosto.

— Escuta, Cá. Aquele rapaz, apesar da semelhança, não é o seu marido. Rodrigo está morto e você precisa colocar um ponto final nessa história, pelo amor de Deus! — É como se os meus atos a machucassem profundamente, apesar de nunca ter saído do meu lado desde que tudo aconteceu.

— Não, eu não posso — respondo, em um sussurro entrecortado, com as lágrimas ameaçando borrar a maquiagem que ela acabou de fazer.

— Claro que pode, amiga. Seu marido morreu, vocês tinham acabado de se casar e não consigo nem mensurar a sua dor, mas aposto que ele jamais desejaria que sua vida se transformasse em uma busca incessante de trazê-lo de volta, de algum modo. — Seu discurso parece ensaiado há muito tempo. — Você precisa de ajuda profissional, assim como sua ex-sogra.

— Eu fui uma vez e não adiantou nada... — a recordo da única tentativa que fiz, há quatro meses, e fez com que a dor triplicasse em meio peito. — Foi pior.

— Nada pode ser pior do que você definhando a cada dia, durante os últimos dois anos e, agora... — Ela hesita e me encara, decidida. — A dona Edna passou dos limites! A ideia é bonita, mas os motivos são errados, Cá, só quero que entenda isso.

— Ninguém está me obrigando a nada, Lena. — Limpo as lágrimas teimosas que insistem em cair. — Eu quero isso, quero poder ter um momento feliz na minha vida, que tem sido tão carregada de tristezas, desde que recebi aquele maldito telefonema.

Minha amiga se aproxima com os olhos cheios de lágrimas e segura a minha mão, com carinho.

— Cá, nada disso vai trazer *ele* de volta. — Tenta desesperadamente

me fazer desistir, mas isso não é uma opção, não hoje. — Não vá a esse encontro, por favor, isso vai te machucar ainda mais.

Meu celular toca e o nome de seu Alberto, meu ex-sogro, surge na tela, chamando a atenção dela.

— Não acredito que até ele está te apoiando nessa loucura. — Se afasta, incrédula, e limpa uma lágrima que escorre pelo seu rosto. — Eles não entendem que isso só vai machucá-la ainda mais?

Tomei essa decisão com o apoio da família do meu falecido marido — ok, apenas meus sogros sabem, mas não vem ao caso — e ter eles comigo faz tudo parecer certo.

— Ele sabe que é o melhor para todos nós e você também deveria me apoiar, Lena.

— Achei que conseguiria fazer isso, mas tem muitos nós nessa história e isso é demais para mim. Sinto muito, estou indo. — Ela pega sua bolsa, saindo, contrariada. — Me liga quando essa maluquice acabar.

Não posso culpá-la, tomei decisões questionáveis desde que perdi meu marido e uma delas é ter um encontro com Ruan, irmão do homem por quem me apaixonei irremediavelmente, para aplacar a maldita dor que rasga meu peito todo santo dia. Entendo que pode não ser vista como uma atitude inteligente, para quem vê de fora.

Encaro meu computador em cima da cama, lembro-me do trabalho que estou fazendo e acabo revirando os olhos. Sou revisora e ultimamente tenho me dedicado a romances, sempre os adorei, mas depois que o meu marido morreu, é como se todos eles pregassem uma ideia mentirosa. A maioria das histórias falam sobre pessoas que se apaixonaram e tiveram seu final feliz, aliás, quase sempre esse fim envolve bebês e sorrisos largos. Estou cansada de lê-los e sentir que o final do meu romance se difere de todos eles, acabou com um enorme buraco em meu peito e uma dor que não termina nunca.

Olho para o meu reflexo no espelho e esta noite quase posso sentir a presença de Rodrigo ao meu lado. Fechos os olhos por um momento e sinto seus braços me envolverem, seu cheiro me invade e posso ouvir sua voz sussurrando em meu ouvido:

“— Você é a melhor parte de mim, Carol! — Rodrigo me abraça por trás, enquanto admiramos a paisagem do Farol do Porto.

Eu sabia que havia acertado na escolha do local da nossa lua de mel, Porto Seguro parece ter uma magia sempre pairando no ar e estar aqui, ao lado do amor da minha vida, faz tudo ser ainda melhor.

— A vista é linda! — sussurro, em êxtase.

— A minha é melhor ainda — meu marido devolve e sei que está me encarando, todo apaixonado. — Amo você, esposa linda!”

O som da campainha me desperta e abro os olhos, ele não está mais aqui... Eu o perdi, para sempre, e jamais vou superar essa dor esmagadora apertando o meu peito. Pego a bolsa, visto o casaco jeans sobre o vestido e caminho até a porta.

— Preparada? — Sr. Alberto sorri, nervoso. — Está linda, querida. Tenho certeza de que meu filho teria orgulho de tudo que está fazendo em nome do amor que construíram.

— Obrigada! Podemos ir?

— Claro! — Ele estende o braço para mim.



Não consigo conter as lágrimas ao contemplar a silhueta do homem que me aguarda na mesa reservada do restaurante refinado, que costumava vir com o meu falecido marido em datas especiais para nós. Seco as lágrimas que se acumulam em meus olhos, respiro fundo e dou passos incertos em sua direção.

— Seja bem-vinda, Carol! — A voz grave me cumprimenta ao notar a minha presença.

— Obrigada! — Solto o ar e encaro o dono da voz.

Os olhos em um tom castanho claro de Ruan são tão parecidos com os de meu marido, que se eu o fitasse por muito tempo, poderia ser facilmente enganada, a boca é igualmente linda como se fosse desenhada pelo mais talentoso artista, o porte físico lembra muito o homem que amei desesperadamente.

Apesar de todas essas semelhanças, eles sempre foram muito diferentes. Rodrigo tinha um espírito livre e procurava seguir seus sonhos,

mesmo que eles parecessem loucura, Ruan sempre foi “pé no chão” e acabou se acomodando, isso às vezes me irritava bastante, ao ponto de criar atrito entre nós, que em um passado bem distante, fomos amigos inseparáveis.

— Desculpe por tudo isso, foi ideia dos meus pais e eu não queria desapontá-los. — Seus olhos me examinam ligeiramente, em busca de algo que não sei decifrar.

— Por favor, Ruan, aja como se fosse ele. — O homem me encara como se eu estivesse louca.

— Ok! — assente.

Fazemos tudo exatamente igual eu faria se fosse com Rodrigo, pedimos o mesmo prato, dançamos a música que embalou muitos dos nossos encontros, tomamos o vinho que era seu preferido, mas não consigo me conectar e, no fim da noite, enquanto caminhamos pela praça onde o beijei pela primeira vez, as lágrimas começam a correr, sem controle.

— Ei, não chore. — A mão forte afaga as minhas costas gentilmente.

— Você não fez direito. — Seco o rosto de modo desajeitado. — Por que aceitou fazer isso? Nunca gostou dele, Ruan...

Meu ex-cunhado se vira para mim, enfia as mãos no bolso da calça jeans e encara o céu estrelado, como se lá tivesse escrito a resposta que deve me dar.

— Ele não vai voltar, Carol — começa, sem me encarar, em um tom que beira à pena.

— Sei que não! — afirmo.

Minhas palavras não têm força, porque meu coração nunca parou de sangrar desde que recebi aquela maldita ligação que acabou com tudo, mordo o lábio inferior, nervosamente.

— Meu irmão não vai voltar... — continua e, apesar de não o encarar, vejo que seu rosto adquire uma expressão suave. — Não importa o que você ou meus pais façam, ele morreu e precisam parar com essa loucura. Eu vejo todos os dias como isso está acabando com tudo.

As palavras são como um soco em meu estômago e fico sem ar por alguns instantes, olhando-o assim quase posso ver o amigo que Ruan foi para mim um dia, mas ele parece ignorar toda a dor que estou sentindo, como tem feito desde que Rodrigo morreu.

— Carol, espero sinceramente que parem de tentar trazê-lo de algum

modo e só aceitei fazer parte disso com uma condição: precisam parar com isso.

— Nunca gostou dele. Confesse de uma vez, não vai doer nada! — cuspo, sem me importar.

As lágrimas voltam a molhar meu rosto, meus lábios tremem de raiva e dor, minhas palavras duras o atingem em cheio e me arrependo imediatamente de tê-las dito.

— Não faz a menor ideia do que está dizendo, ele era meu irmão, o admirava muito e sempre torci para que Rodrigo alcançasse sucesso em todas as áreas de sua vida, nunca foi desse modo bizarro que enfiou na cabeça, depois que me afastei de vocês... — Ele hesita sacudindo a cabeça, depois me segura pelos ombros. — Acha que não sinto a falta do meu irmão? Antes de qualquer coisa, ele era meu amigo, penso nele todos os dias e o que estão fazendo para suprir essa saudade não tem sentido algum.

— Eu o amava... — Forço um sorriso.

— Eu também, pode acreditar. — As palavras soam tão sinceras, que sou incapaz de contestá-las.

Voltamos a caminhar lado a lado até ao deque sobre o lago, em um silêncio sepulcral, procuro um culpado para que as coisas não tenham saído como planejei.

— Era para você fazer tudo igual, nem consegue fazer a merda do teatro direito — o recrimino.

Ruan ignora minhas broncas e se encosta no parapeito de madeira, evitando o meu olhar.

— Pare de perseguir essa fantasia, Carol. Não sou ele, apesar das semelhanças. — Ele se vira para mim, segurando as minhas mãos e nos encaramos. — Precisa superar!

O jeito que fala faz com que sinta como se estivesse esmagando meu coração e acabo chorando copiosamente, Ruan me puxa para um abraço, tentando conter minha crise.

— *Shhh*, chore um pouco, isso vai te ajudar a se desfazer um pouco das emoções que estão brigando aí dentro. — Suas mãos afagam meus cabelos e encosto em seu peito.

Por um momento, tenho um vislumbre do amigo que tive na adolescência, ele é cinco anos mais velho que eu e nos entendíamos tão bem,

então Ruan se afastou, sem qualquer explicação, fiquei com tanta raiva que comecei a criar um monte de teorias bizarras e agredi-lo com palavras sempre que tinha oportunidade. Não consigo respirar com a dor esmagadora em meu peito, mas de algum modo, ele consegue fazer com que me acalme.

— Eu só queria me sentir viva — digo, controlando os soluços. — Quando ele se foi, senti que nosso nó se desfez e uma parte de mim morreu também, por mais que todo mundo tenha a solução perfeita para que eu possa superar, simplesmente não consigo.

— Tudo bem — ele fala, calmo, descansando o queixo no topo de minha cabeça. — Precisa aceitar que ele não está mais aqui, que esse nó foi desfeito e deixar que meu irmão descanse em paz. Você tem uma vida pela frente e, como seu marido dizia, ainda existem muitos nós a serem feitos, mas tenha certeza de que onde meu irmão estiver, vai cuidar de você ou acha que aquele teimoso deixaria sua garota sozinha?

Soluço, apertando a camisa de Ruan e tenho a sensação de que meu coração foi arrancado do peito, enquanto ele me abraça ainda mais forte, como se a dor pudesse desaparecer com esse aperto. Ruan era um bom amigo, apesar de estarmos tão distantes agora e de acusá-lo de coisas que sei que não é culpado, preciso admitir isso.

Ele me deixa chorar por um tempo, afagando os meus cabelos, penso nas palavras duras de Lena antes de ir. Dói tanto saber que nunca mais vou ver o sorriso de Rodrigo, sentir seu toque, muito menos, ouvir sua voz. Não sei o que fazer...

— Por favor, me ajude a tirar essa maldita dor do meu peito — imploro baixinho.

As mãos de Ruan emolduram meu rosto, forçando-me a encará-lo e não consigo, então, fecho os olhos, tentando ver Rodrigo em qualquer um dos seus gestos.

— Abra os olhos, Cá — ele pede, encostando a testa na minha. — Olhe para mim!

Nego seu pedido, sacudindo a cabeça devagar, enquanto as lágrimas continuam borrando minha maquiagem.

— Abra os olhos, pequena. — Obedeço, hesitante, os olhos cor de uísque me queimam. — Sou eu, Ruan... Precisa aceitar que Rodrigo se foi.

Seu rosto está cheio de pesar e quase posso sentir seu sofrimento

também, me sinto egoísta por ter descontado minhas frustrações nele.

— Não posso, eu estou morta. Ninguém entende... Queria ter ido com ele, não existe uma vida para mim em um mundo onde seu irmão é só uma boa lembrança... — Ele se espanta e coloca os dedos em meus lábios.

— *Shh*. Nunca mais repita isso, pequena. Eu não aguento mais vê-la sofrer assim. — Ele acaricia meu queixo, me forçando a fitá-lo. — Por favor, não faça isso consigo mesma.

— Preciso me sentir viva — digo, como um mantra, e ele arqueia a sobancelha.

A sua mão livre segura a minha, levando-a sobre meu próprio peito.

— Sinta as batidas do seu coração, Carol. Essa melodia não é suficiente?

— Preciso de mais do que isso — sussurro, hesitante.

— Você é uma mulher incrível, não deixe que esses sentimentos ruins roubem suas cores... — A maneira como fala faz tudo parecer tão simples. — Estou cansado de ver como essa tragédia lastimável está afetando as pessoas que são importantes para mim.

Seu discurso mexe comigo, por mais que eu tente negar.

— Eu estou morta — balbucio, desolada.

— Não, Carol. Você está viva e posso provar. — Não entendo o que diz.

Então, Ruan cola os lábios nos meus e, pela primeira vez, em meses, sinto algo diferente da tristeza recorrente percorrer meu corpo.



Capítulo 2

RUAN

Sempre fui apaixonado por Carol, mas uma ironia do destino a transformou em minha cunhada, sem que eu tivesse a chance de contar-lhe o que sentia. Antes disso, houve um tempo em que fomos amigos e até confidentes, então, Rodrigo chegou à vida dela, fazendo tudo aquilo que não tive coragem, presenciei pouco a pouco o desabrochar do amor entre ambos e prometi a mim mesmo que jamais iria me colocar entre eles.

Me afastei, por medo de que percebessem que o que sentia por ela era muito mais que amizade, então Carol começou a alimentar a ideia absurda de que eu tinha inveja do meu irmão, porque nunca fui capaz de seguir os meus sonhos, ao contrário dele. Porém nunca se tratou disso. Apenas não quis desapontar minha família e segui pelo caminho que me pareceu mais fácil e natural, ao invés de me tornar um fotógrafo de sucesso.

Sou filho do primeiro casamento de meu pai, que ficou viúvo muito jovem e, quando Edna surgiu em nossas vidas, me agarrei a ela como a criança carente que eu era. Sempre fui tratado como se fosse seu filho de sangue, mas me senti um intruso em diversos momentos, porque papai tinha medo de que ela nos abandonasse e sempre exigia de mim um comportamento exemplar.

Com o nascimento do meu irmão, senti uma onda de gratidão e um sentimento de que devia protegê-lo, de qualquer modo, incentivado pelo meu pai. No fundo, sabia que devia isso à minha — agora — mãe, por todo amor que me dispensou desde que nos tornamos uma família. Inconscientemente acabei colocando a felicidade dela e do meu irmão acima da minha.

Naquela época, jamais imaginei que o preço seria abrir mão da mulher que eu amava.

Sufoquei meus sentimentos durante todos esses anos, me dediquei exclusivamente ao cargo na administração da Degust's, a confeitaria da família, enquanto Rodrigo realizava todos os sonhos que tive com a mulher que um dia quis me casar. Ele nunca soube disso, não queria que sentisse que havia roubado qualquer coisa de mim e simplesmente me afastei, para não dar a ele um motivo para duvidar dos laços que nos uniam.

Meu irmão era um aficionado por nós de todos os tipos e costumava relacionar isso ao seu cotidiano, embora eu às vezes fosse cético, sabia que no fundo ele tinha razão quando dizia que havia nós que ficavam mais fortes com o passar dos anos. Para ele, a família era comparada a um nó que jamais se desfaria, sua mulher era um nó que deveria ser monitorado constantemente para que não se tornasse frágil e se partisse. Às vezes penso que o nó entre eles foi cortado e isso deixa a corda mais frágil, dependendo da maneira que acontece.

Perdê-lo foi a dor mais dilacerante que senti em minha vida, mas ver meus pais devastados era muito pior e tive que ser forte por todos nós, mesmo quando Carol me acusou durante o enterro de não estar sofrendo a morte dele, me disse que eu deveria ter morrido e não ele. Foi cruel, sei que sim. Contudo, sabia que era a dor dela procurando um culpado para a fatalidade que tirou a vida do homem que amava.

Estou levando os negócios da família nas costas desde a morte do meu irmão, aprendi a amar aquela confeitaria, embora meus sonhos iniciais fossem outros, conquistei o prestígio dos clientes, enfim nos tornamos referência no ramo e tem sido muito lucrativo. Em contrapartida, tenho que lutar todos os dias com a vontade de arrancar com as próprias mãos a dor estampada nos olhos das pessoas que amo.

Beijar Carol esta noite foi o modo momentâneo que encontrei para tirar o foco da sua dor, mesmo que ela não saiba, eu a amo mais que a minha

própria vida e tenho muito medo que toda essa história faça com que cometa algo de que se arrependa. Quando nossos lábios se tocaram, me lembrei de todas as razões pelas quais continuo amando-a em segredo por todos esses anos.

— Me desculpe! — Afasto-me.

Tenho medo de que ela interprete tudo de modo errado e desvio o olhar do seu, passando as mãos pelo rosto.

— Pode fazer isso de novo? — Carol pergunta, deixando-me sem saber o que dizer.

— Tem certeza? — Hesito, olhando para o seu rosto, que agora adquiriu um tom rosado nas bochechas.

Ela percorre com as pontas dos dedos a minha barba por fazer, inspiro seu cheiro adocicado e tenho medo de que esteja tentando ver Rodrigo em mim, busco seus olhos à procura de qualquer coisa que afaste esse pensamento para longe, mas o que encontro é uma centelha de curiosidade.

— Eu sei que não é ele, Ruan. Só preciso experimentar essa sensação novamente. — Suas palavras soam sinceras.

Carol suspira quando acaricio seu rosto, como se fosse a mais frágil das flores de um jardim raro. Seguro seu queixo, me inclinando lentamente até tocar seus lábios macios, tentando controlar as emoções que me invadem, sugo devagar e seu sabor preenche tudo, fazendo com que eu esqueça qualquer experiência anterior. Desta vez não há o medo em nenhum dos dois, como se tivéssemos cruzado um limiar imaginário e agora sinto que não há mais volta.

Tudo em nós se encaixa perfeitamente, ela corresponde ao beijo, sua boca me devora com furor, como se, de algum modo, isso pudesse aplacar suas dores, deslizo a língua pelos lábios, explorando-a. Neste momento, estamos entregues como se não existisse nada além de nós. Sinto a adrenalina percorrendo todo o meu ser, a mão de Carol aperta minha camisa e o calor do seu corpo colado ao meu é a melhor sensação que já experimentei.

Então ela se afasta cedo demais, ofegante e massageando o peito.

— Isso é errado — diz baixinho, tocando os lábios.

As madeixas castanhas escondem parte do seu rosto. Talvez seja mesmo errado o que acabei de fazer, mas amei essa mulher em segredo por tanto tempo e vê-la assim, tão frágil, está mexendo comigo. Tento controlar a

respiração para formular alguma resposta, mas sei que ela tem razão e eu não devia ter feito isso. Dói quando ela vira de costas e anda até o parapeito de madeira, um tanto perdida.

— Desculpa. — Abro e fecho as mãos, nervoso.

Ainda estou tonto por todas as reações que esse beijo causou em mim.

— Vou ter um filho — ela dispara, em um tom que me deixa alarmado.

Olho de soslaio e a vejo apertar a madeira até os nós dos dedos ficarem esbranquiçados.

— Um filho de quem? — pergunto, intrigado, e Carol me olha, como se estivesse ofendida.

— Do meu marido, oras, de quem mais seria? — Seu tom é brusco, me deixando confuso.

— Seu marido está morto, Carol — digo, tentando fazê-la recobrar a razão.

— Eu sei, não precisa ficar repetindo. — Ela está magoada demais. — Acredito que saiba também que seu irmão teve uma complicação de saúde durante uma de suas viagens a trabalho e acabou optando por guardar seu material genético. — Sua voz está embargada. — Talvez, por medo de que qualquer coisa pudesse interromper o nosso sonho de termos nossos próprios filhos.

Havia me esquecido disso, meu irmão era a pessoa mais precavida do universo e gostava sempre de se antecipar aos futuros problemas, inclusive, tivemos alguns debates interessantíssimos sobre isso.

— Mas por que quer fazer isso?

— Não é óbvio? — diz, encarando as mãos. — Preciso de algo que faça eu me sentir viva, Ruan.

Ela caminha até o banco próximo, sentando-se, e continua a falar, como se a conversa fosse sobre o tempo ou qualquer coisa trivial.

— Um filho vai me dar isso. Eu e Rodrigo sempre sonhamos em ser pais, conversei com dona Edna e seu Alberto, eles amaram a ideia.

—Eles sabiam? Isso é... — Não consigo concluir.

— Fui ao laboratório, está tudo preparado... Falei com meu médico, já fiz todos os exames necessários, estou tomando as providências necessárias e faremos o procedimento na próxima semana. — Ela gesticula, enquanto conta tudo.

Carol age como se essa decisão de repente fosse a solução dos seus problemas.

— Logo, eu terei um pedacinho do seu irmão para sempre comigo, como nós dois sempre sonhamos. — Suas mãos vão para a barriga, como se já fosse algo certo.

Não sou capaz de esboçar nenhuma reação, então, é essa a razão pela qual minha mãe tem estado cheia de segredos? Por isso prometeu que se eu viesse ao encontro hoje, eles iriam parar de tentar trazê-lo de volta.

Solto o ar, devagar, é uma ideia absurda.

Até entendo os motivos de Carol, porém, o que dói mais é imaginar que meus pais me esconderam isso, esse tempo todo. Como foram capazes disso?

— Para fazer esse procedimento, vocês não precisam de autorização judicial ou algo do tipo, já que meu irmão está morto? — questiono, tentando entender.

Sento ao seu lado, apoiando os cotovelos nas minhas pernas, incapaz de encará-la, preciso ser racional e encontrar os furos dessa ideia, para elaborar minha defesa.

— Normalmente, sim, mas Rodrigo deixou uma autorização por escrito, me dando poderes para usar o material genético, caso ele faltasse. — Carol aperta os dedos nervosamente e fica em silêncio por um momento. — É quase como se ele soubesse o que ia acontecer, Ruan. Era o nosso sonho e vou realizá-lo, mesmo que Rodrigo não esteja mais aqui.

— Parece tão simples — respondo, um tanto cético, tentando ver a situação como um todo.

— Mas não é. — Ela está chateada e agora mexe no cabelo mais vezes que o necessário.

— Precisa de orientação jurídica, posso falar com alguns dos meus clientes. — Tento ser simpático e ignorar meu desapontamento.

— Não precisa, já conversei com um advogado também, não estou fazendo nada errado, Ruan, e meu filho vai poder carregar o sobrenome do pai dele — diz, orgulhosa pelo que está prestes a fazer.

Seus olhos brilham cheios de lágrimas e tenho vontade de confortá-la outra vez. As coisas poderiam ser mais fáceis, mas a vida costuma ser uma ótima piadista.

Para Carol — e meus pais, aparentemente — o plano lhe parece muito

natural, mas é sobre uma vida que estamos falando e me preocupa o fato de pensarem apenas em suprir a necessidade de ter algo do meu irmão para se agarrarem. Uma criança é uma grande responsabilidade e precisa de muitas coisas das quais não tenho certeza de que ela está ciente neste momento, parece uma decisão tomada sem pensar. Sempre achei que ela seria uma ótima mãe, mas em outras circunstâncias. Agora tudo está diferente, seu coração ainda nem se recuperou do luto e não acho que esteja preparada para tal.

— Já pensou que pode estar tentando fazer isso pelos motivos errados?
— Descanso o braço no encosto do banco e a encaro. — Um bebê não vai suprir a falta do seu marido, muito menos, curar a sua dor.

— Provavelmente não, Ruan, mas vou ter algo a que me agarrar... Eu tenho me sentido tão perdida, nem consigo me concentrar no trabalho direito.
— Seu tom é reflexivo e seus olhos procuram qualquer ponto fora do meu alcance. — Estou com muita coisa acumulada e não consigo focar nas revisões, os editores estão me cobrando. Preciso de um foco, um objetivo e tenho certeza de que ter um filho de Rodrigo vai me ajudar a superar tudo isso.

— Um filho requer muitos cuidados, Carol — argumento, e ela encara as mãos. — Acho que antes de qualquer coisa, você precisa de ajuda profissional, para conseguir superar essa dor.

— Talvez tenha razão, Ruan, mas é uma decisão da qual não pretendo voltar a trás — enfatiza, sem me olhar, arrumando os cabelos.

Há um silêncio constrangedor entre nós, é inadmissível que meus pais a estejam apoiando nessa ideia. Tenho consciência de que todos sofrem muito com a falta de Rodrigo e, se Carol tiver um filho, será um acalanto para toda a saudade que sentimos, mas temo que criem expectativas demais com essa criança.

Massageio a têmpora, enquanto busco algum justificativa para fazer com que minha ex-cunhada decline dessa decisão, que me parece tão absurda. Fico imaginando se meu irmão concordaria com isso, sinto uma necessidade extrema de proteger essa mulher de qualquer coisa.

Carol já não é mais aquela garota por quem me apaixonei, a vida foi um tanto cruel conosco. Ela perdeu peso nos últimos meses, seu rosto não tem mais aquele brilho cheio de felicidade, seus lindos olhos amendoados estão

fundos e circundados por olheiras. Dói tanto vê-la assim, tão devastada.

E se talvez essa possibilidade de ter um filho realmente a ajudar? Analiso a situação por alguns minutos, se for mesmo fazer isso, vai precisar de muito apoio e meus pais não vão poder fazer isso, por motivos tão óbvios, que ainda estou me perguntando como prosseguiram com os planos, sabendo o que a ex-nora pretendia fazer nas próximas semanas. Então, decido que preciso me manter por perto, mesmo que a decisão dela não faça muito sentido para mim.

— Como vai lidar com tudo isso sozinha? — indago, por fim, voltando a encará-la. — Meus pais viajam amanhã à noite para uma temporada na Europa, o que me leva a pensar que você só os comunicou dessa decisão há poucos dias.

— Desculpe, mas era algo meu — se justifica, arrumando o vestido e eu assinto. — Não queria dar falsas esperanças a eles, que já sofreram tanto a morte do filho, não achei justo envolvê-los nisso, até ter certeza de que seria possível.

— Ainda não respondeu a minha pergunta.

— Eu pensei que poderia contar com a Helena e com você. — Nossos olhares se encontram e ela sorri, sem humor. — Apesar das nossas diferenças, esse bebê será seu sobrinho e talvez queira provar que é totalmente o contrário do homem que imaginei.

— Então, esse jantar era parte do plano para me convencer a ajudá-los? — Estreito os olhos em sua direção.

Finalmente me dou conta de que caí em uma das armadilhas de minha mãe.

— Digamos que eu queria ter um pouco do Rodrigo, antes de fazer o procedimento, e você é muito parecido com ele, embora negue — ela pousa a mão sobre a minha —, mas também queria saber se ainda existe um resquício do amigo que tive um dia aí dentro dessa carranca cética. Então, vai me ajudar com isso?

Fecho os olhos por um momento, me controlando para não responder de uma vez e algo me ocorre.

— Eu topo! — respondo, por fim.

O sorriso que nasce em seu rosto é lindo e retribuo, enquanto faço o contorno das linhas de sua mão com o polegar, me preparando para continuar

com o que tenho em mente.

— Só que tenho uma condição — falo, antes que perca a coragem.

Carol arqueia a sobancelha, sem entender.

— O que você quer, Ruan?

— Vai passar por um acompanhamento psicológico durante todo esse processo e gravidez. — Ela se retrai e seu rosto adquire uma expressão séria demais. — Ah, e serei informado de tudo que se passar com você e o bebê ou nada feito.

A observo analisar suas opções por longos minutos.

— Temos um trato? — pergunto, exibindo um sorriso no canto da boca e estendo a mão para ela, que me surpreende, apertando a minha mão.

— Ok, temos um trato.

Não tenho a menor ideia de onde acabei de me enfiar, só que algo me diz que a partir deste momento a minha vida vai mudar completamente.



Capítulo 3

CAROL

Hoje é o grande dia e eu deveria estar saltitando de felicidade, vou finalmente realizar o maior sonho da minha vida, serei mãe muito em breve de um filho de Rodrigo. A realidade é que sinto um peso enorme em meu coração, sei que estou fazendo a coisa certa, mas parece errado, porque Rodrigo não está aqui para segurar a minha mão, neste momento tão importante.

Sinto as mãos suadas, as pernas bambas apoiadas na maca e a respiração descontrolada. Quando eu imaginei ter um bebê, não seria concebido em um consultório médico. Uma lágrima escorre pelo canto dos meus olhos e eu aperto o tecido do meu vestido entre as mãos.

— Relaxe, Carol — meu médico diz, enquanto encaro o teto, tentando visualizar a imagem de Rodrigo.

O procedimento é feito, preciso continuar em posição ginecológica por mais um tempo para garantir que tudo ocorra bem. Fico sozinha na sala, meu celular vibra, anunciando uma nova mensagem.

“Tudo bem por aí?” Ruan está lá fora, à minha espera, seus pais o fizeram prometer que me acompanharia.

“Sim, vou ser liberada daqui alguns minutos.” Digito rapidamente.

“Menos nervosa?” Pergunta.

“Não.”

“Respira, sempre funciona comigo. Não se preocupe, vai dar tudo certo, não foi o que o médico disse?” Sua mensagem é seguida de um *emoji* piscando.

Mesmo que não concorde com a minha decisão, Ruan tem se empenhado bastante em me ajudar. Depois do nosso encontro, ficamos mais próximos, apesar de não termos mencionado o beijo, mas tenho pensado nele mais do que deveria e me sinto culpada por isso. Serei mãe de seu sobrinho e ainda estou sofrendo pela morte do meu marido.

Segui a orientação do meu ex-cunhado e procurei um terapeuta para me ajudar com tudo que eu tenho passado. Helena está admirada com a minha iniciativa e curiosa por saber o que aconteceu entre mim e o irmão de meu marido aquela noite, segundo ela, eu estou diferente, desde então. Não mencionei o beijo, porque tenho a sensação de que estou traindo a memória de Rodrigo.

Lena insiste que eu preciso seguir a minha vida e acabou interpretando por si mesma a minha aproximação com Ruan, então constantemente ela está enaltecendo seus atributos físicos e sua personalidade protetora. Serei uma mentirosa, se disser que não gostei de tê-lo beijado e das sensações que esse acontecimento me causou, foi como se por um breve instante a minha vida fizesse sentido novamente, só que ele é meu cunhado.

“Ele não é seu cunhado, não mais. É bom que enfie isso na sua cabecinha também!” Quase posso ouvir a voz da minha amiga.

Tento pensar nos bons momentos que vivi com Rodrigo e afastar seu irmão da minha cabeça. Meu marido era maravilhoso, tudo que uma mulher poderia querer e sua morte me faz questionar se não fiz algo de errado, para que ele fosse tirado de mim tão cedo, estou à beira das lágrimas novamente e tento afastar a culpa que sinto.

Me concentro no agora, vou ser mãe e isso é o que importa. Fiz acompanhamento, tomei hormônios para estimular a ovulação, fiz ultrassons e tantos outros exames. Vai dar tudo certo e vou ter um pedacinho do meu marido em breve comigo, claro que existe a probabilidade do procedimento não dar certo de primeira, o médico me deixou ciente disso.

O material que temos é o suficiente para conseguirmos fazer três

tentativas e estou com medo de não ser o bastante, mas preciso confiar que é a coisa certa, limpo a lágrima teimosa quando uma assistente entra, me liberando logo após passar algumas instruções das quais já estou ciente, enquanto me visto e pego as minhas coisas.

Caminho devagar até a recepção da clínica, onde Ruan espera, com um sorriso encorajador.

— Vamos? — Ele me segura pela cintura, me apoiando. — Está tudo bem?

— Sim, só estou nervosa, mas vai passar. Obrigada!

— Se incomoda se eu passar na Degust's? — pergunta, assim que dá partida no carro. — Preciso deixar alguns papéis e você pode escolher alguma coisa para comermos, o que acha?

— Por mim, tudo bem, desculpa te atrapalhar.

— Você nunca me atrapalha, Cá. — Ele encerra a conversa.

Fazemos o trajeto em silêncio, respondo algumas mensagens no aplicativo. Helena se desculpa por não ter ido me acompanhar, seu Alberto e dona Edna me mandam boas vibrações. Passamos em seu trabalho e sou incapaz de escolher apenas uma das guloseimas da vitrine, por fim, Ruan acaba com as mãos cheias de sacolas.

Enquanto seguimos para o meu apartamento, conversamos um pouco sobre uma paixão antiga dele.

— Sério que você ainda fotografa? — pergunto, incrédula.

— Sim, sabe aquelas fotos incríveis que decoram as paredes da Degust's? — Assinto. — Todas foram tiradas por mim, não é bem o que eu tinha em mente quando me apaixonei por essa arte, mas é igualmente maravilhoso.

— Achei que tinha parado.

— Não, a verdade é que eu não conseguiria viver sem uma câmera por perto. Mantenho um site de receitas ricamente ilustrado com fotos autorais, em parceria com alguns confeitheiros e chefs famosos. — Arqueio a sobrancelha, admirada, e ele continua a falar: — Não que você esteja interessada, mas eu já ganhei alguns prêmios.

Seus olhos adquirem um brilho enquanto fala do que ama fazer, sempre tive a ideia errada de que ele simplesmente desistiu do seu sonho de adolescência e, agora, vejo que não é como eu imaginei.

— E gosta mesmo de administrar a confeitaria?

— Claro que sim, a Degust's é a minha vida, Cá. Meus pais me deram parte dela ano passado e pretendo continuar fazendo-a crescer. — Não escondo o espanto. — Obviamente, gostaria de estar viajando o mundo, tirando fotos incríveis de lugares e pessoas exóticas, mas eu me encontrei aqui, nesta cidade não tão exuberante.

— Meu Deus, eu sempre tive uma ideia tão errada de você. Me desculpe! — falo, com sinceridade. — Não sei, deixamos de ser amigos e de longe parecia que estava tão frustrado com tudo.

— Nunca julgue um livro pela capa, não é isso que dizem por aí? — Ele sorri.

— Eu falei coisas horríveis para você, Ruan. Vai me perdoar por todas aquelas alfinetadas nos encontros de família? — Cubro o rosto com as mãos, lembrando-me da cena protagonizada no enterro do meu marido. — Nossa, eu fui tão cruel contigo. Se não quiser me perdoar, eu entendo.

O vejo apertar o volante, balançando a cabeça, depois sorri, descontraído e, juro que estou totalmente arrependida por todas as vezes que insinuei que ele era infeliz porque tinha inveja do sucesso profissional do meu marido, principalmente por acusá-lo de não sofrer a morte do seu irmão.

— Não há nada que perdoar, faz parte do ser humano julgar o que desconhece — Ruan diz, sem tirar os olhos da rua.

— Ah, que vergonha! — Fui tão mesquinha.

Nos calamos novamente e finjo mexer no celular.

— Chegamos — Ruan diz, ao estacionar o carro na minha vaga.

— Obrigada por tudo — agradeço, quando ele abre a porta e estende a mão para me ajudar a levantar.

— Eu prometi aos meus pais, Carol, e não costumo voltar atrás em minhas palavras. — Ele sorri. — Agora, vamos subir, seu médico me disse que você precisa de repouso pelo resto do dia e vou ficar aqui esta tarde.

— Ah, não quero incomodar.

— Não é nenhum incômodo, afinal, é meu sobrinho que será gerado aí, não é mesmo? — Seu tom é descontraído.

Ele pega as sacolas com as coisas que escolhemos na confeitaria, segura a minha bolsa e caminhamos devagar até o elevador. Tento não olhar para Ruan, que está sendo tão gentil comigo, mesmo que eu não mereça.

Abro a porta do meu apartamento e o convidado a entrar.

— Onde posso colocar essas coisas? — pergunta, um tanto sem jeito.

— Na geladeira, a cozinha é seguindo pelo corredor, primeira porta à direita. — Ele segue as minhas instruções, enquanto tiro os sapatos.

Depois da nossa breve conversa, estou me sentindo culpada por ter julgado mal o seu afastamento. O ouço mexer nas coisas da cozinha e procuro pelo meu celular dentro da minha bolsa.

— Ruan — falo, um pouco mais alto para que ele possa me ouvir de onde está. — Vou trocar de roupa, fique à vontade.

É engraçado dizer isso, porque parece que ele está muito familiarizado com a minha casa.

Sigo para o quarto, escolhendo um vestido confortável, quando volto à sala, ele está entretido olhando as fotos do aparador, não consigo me desfazer, é como se a presença delas fosse um lembrete de que o que vivi com Rodrigo foi real.

— Essa foi em nossa lua de mel, na Bahia — digo, me aproximando devagar e ele se espanta. — Desculpe, não queria te assustar.

— E, então, o que fazemos agora? — indaga, colocando o quadro de volta no aparador, arqueando a sobrancelha.

— Esperamos, eu acho. — Sorri, sem graça.

— Tudo bem. Não deveria se deitar um pouco? — Ele aponta para o sofá confortável e eu assinto. — Ou tem alguma coisa para fazer?

— Não tenho muitas opções, então, o mais sensato é deitar. O que acha *maratonar* alguma coisa? — Estreito os olhos em sua direção. — Ainda gosta de daquelas séries policiais?

— Você ainda se lembra disso. — Ruan faz uma careta engraçada.

— Claro que sim, fui obrigada a ver tantas vezes CSI, que nem está no script. Diz para mim, que existem outras séries que não seja essa, por favor? — Junto as mãos e coloco o meu olhar penoso.

— Que drama! — Ele senta ao meu lado, tomando o controle das minhas mãos. — Criminal Minds, já ouviu falar?

— A menos que seja o nome de alguma comida exótica que comi por engano, não sei do que se trata. — Faço um muxoxo e ele ri.

— Você só pensa em comida, Cá? — O vejo apertar o play e logo me interessei pelo agente Derek Morgan.

Nos deitamos lado a lado no sofá.

— Só tem psicopata nessa série? — pergunto, quando o primeiro episódio termina.

— Não, tem a força tarefa, que é incrível — ele diz, incrédulo.

— Você *tá* assistindo a esse negócio errado, Ruan. Esse pessoal aí parece *tudo* maluco — insisto e ele ri.

— Quer calar a boca e assistir, Cá? — Ele me joga uma almofada.

— Poxa vida! Eu vou ser a mãe do seu sobrinho. Deveria me tratar melhor. — Faço um bico.

— Acho que o seu mal é fome, Carol. Vamos comer alguma coisa, assim você mantém a boca ocupada e me deixa assistir. — Ele levanta e segue até a cozinha.

Pensei que a nossa reaproximação seria estranha, mas não. A companhia dele é agradável, conversamos sobre alguns amigos da adolescência, vimos alguns episódios da série, até eu admitir que é realmente incrível e, quando Ruan vai embora, mergulho novamente em um enorme vazio.



Capítulo 4

CAROL

— Eu estou esperando um filho do Rodrigo — repito para mim mesma, diante do espelho, alisando a barriga nua e com o coração explodindo de amor.

Fui inseminada há três semanas, fiz dois testes de farmácia, eles deram positivos, não consegui segurar a ansiedade, mesmo sabendo que farei o exame de sangue somente amanhã. Ainda não contei a ninguém, é como se estivesse vivendo uma realidade paralela e tenho um medo enorme de acordar deste sonho. Meu corpo está normal, não tem nenhuma alteração visível e meu bebê é apenas uma pequena sementinha.

É incrível como uma coisa aparentemente tão pequena pode ser capaz de mudar as nossas vidas, enquanto encaro o espelho, sou dominada por uma onda de carinho por esse ser que está sendo gerado em mim e sinto as lágrimas brotarem, só que, desta vez, elas são de alegria.

Tenho ido regularmente às sessões de terapia uma vez por semana e, ao contrário do que pensei, tem me ajudado a lidar melhor com a perda que sofri. Segundo Vânia, minha terapeuta, estou na fase da depressão e estamos trabalhando uma readaptação à minha rotina diária. Consegui finalizar alguns textos que estava revisando e isso me trouxe uma enorme satisfação.

Helena conseguiu me arrancar de casa uma ou duas vezes para ir ao cinema, Ruan me liga todos os dias para saber como estão as coisas comigo, se já fiz os exames, se estou comendo direito e aparece na minha porta, do nada, pelos menos, umas quatro vezes por semana, com uma sacola cheia de guloseimas da confeitaria da família, só em pensar nelas, a boca já enche de água. Às vezes ele apenas traz o jantar e, confesso que estou ficando mal-acostumada.

Pego a foto do meu marido em cima do criado-mudo e a abraço, com força, queria poder dividir com ele tudo que estou sentindo. Ouço a campainha tocar e abaixo a blusa rapidamente, enquanto me dirijo à porta, a essa hora só pode ser uma pessoa.

— Boa noite! — Ruan diz, sorridente, quando abro a porta.

— Boa noite, entre.

— Trouxe o jantar — diz, estendendo duas sacolas. — Gosta da cozinha italiana?

Sinto o cheiro maravilhoso vindo da embalagem, quando as coloco sobre a mesa de jantar.

— Eu gosto de comida, Ruan. Seja ela de que país for. — Ele ri.

— Algumas coisas continuam iguais, mesmo que o tempo passe.

Mordo o lábio inferior, tentando disfarçar o nervosismo. *É uma boa hora para contar que ele vai ser tio?* Helena vai me matar, porque não foi a primeira a saber.

— Aconteceu algo? — indaga, arqueando a sobrancelha.

Disfarço, indo até a cozinha em busca de talheres e ele me segue.

— Tem alguma coisa diferente em você hoje — insiste. — Não vai me contar?

Viro-me, colocando uma mão na cintura, passando a outra na barriga em um gesto bem sugestivo e disparo de uma vez: — Estou grávida.

Analiso sua reação enquanto absorve a minha resposta. Primeiro, Ruan fica estático por um momento e, em seguida, tem uma atitude um tanto inusitada, me abraça apertado, levantando o meu corpo do chão e beija minha bochecha.

— Parabéns, Carol. — Há um sorriso estampando seu rosto, fazendo com que os olhos castanhos claros brilhem e fico emocionada com o gesto.

— Obrigada. — Estamos bem próximos e posso sentir sua respiração

em meu rosto. — Eu vou... Eu vou ser mãe, Ruan! Não é incrível?

— Isso é... — Ele procura por alguma palavra capaz de traduzir o momento. — Sei lá, o que eu posso dizer? Incrível, maravilhoso, perfeito e tudo mais.

Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, depois acaricia meu rosto delicadamente e se aproxima devagar até, por fim, encostar os lábios em minha testa. Sinto meu corpo reagir ao toque dele, o coração dispara, fico ofegante, as pernas tremem e então me afasto sem jeito, desfazendo o contato.

— Desculpe! — fala, desviando o olhar.

Nos sentamos à mesa e comemos em silêncio, o que é incomum, já que sempre temos muito a dizer. Nas semanas que se passaram, nos lembramos de como era a nossa amizade e, de algum modo, voltamos a ser como antes. Estar com Ruan traz uma sensação de paz, como se não precisasse de mais nada além do conforto de sua presença e penso se isso não é errado, afinal, ele é irmão do meu marido.

Ele me olha furtivamente, talvez tentando encontrar alguma coisa para quebrar o gelo.

— Quando descobriu? — pergunta.

— Hoje pela manhã. — Exibo um sorriso bobo. — Ainda não estou acreditando que é real.

— Mais é, tem um bebezinho morando aí. — Pisca, enquanto recolhe as embalagens e os talheres da mesa. — Como se sente?

— Genuinamente feliz, pela primeira vez em muito tempo. — Levanto e vou até a pia para lavar a louça e ele se encosta na bancada ao meu lado. — Uau, é muita responsabilidade!

— Eu avisei, mas ninguém pediu a minha opinião. — Ruan dá de ombros e sorri divertido. — Agora está feito, tenho certeza de que será uma ótima mãe, Cá.

— Fiz dois testes, quer ver? — pergunto, entusiasmada.

— Claro, será um prazer. — Sua resposta tem um tom quase igual ao meu.

De repente, entro em pânico, tenho tanta coisa para resolver sozinha. O quarto do bebê, as roupinhas, o parto... Meu Deus, o parto!

Será que vou conseguir cuidar de uma criança?

— O que foi, por que essa cara? — ele pergunta, preocupado, tocando meu braço.

— Não sei cuidar de bebês, Ruan — respondo, desolada. — E se o meu filho não gostar de mim? Se eu não conseguir cuidar dele? Como é que eu vou parir uma criança? — Fico paralisada, em pânico. — Aí, nossa, devia ter pensado em todas essas coisas. O que eu vou fazer?

O homem tira das minhas mãos o copo que eu estava lavando, segura meus ombros e me direciona para a sala, até chegarmos ao sofá, onde sento, aborrecida.

— Eu sou uma fraude, devia ter te escutado quando disse que não era boa ideia ter um filho nessas condições. — Começo a chorar copiosamente.

— Ei, Cá, olha *pra* mim. — Ele segura o meu queixo. — Vai ficar tudo bem, ninguém nasce sabendo essas coisas. Ok?!

— Mas e seu eu derrubar o bebê ou não conseguir amamentar? — Levo as duas mãos ao rosto.

— Vamos focar no agora, Carol. Ainda faltam... sei lá, uns oito meses para isso acontecer. — Suas mãos seguram as minhas.

— Imagina se eu faço alguma coisa errada e o bebê morre. Meu Deus, eu nunca vou me perdoar! — Balanço o corpo para frente e para trás.

— Não vai acontecer nada — assegura ele.

— Você não sabe, Ruan — grito, sem controle, deixando que as lágrimas inundem meu rosto. — O que eu vou dizer a ele quando crescer e quiser saber sobre o pai? Ah, eu não pensei direito.

— Cá, respira! Para de pensar bobagem. — Ele afaga minhas mãos. — Uma coisa de cada vez, ok? Não precisa chorar, você é a mulher mais incrível que eu conheci e vai tirar isso de letra.

Choro ainda mais com as palavras dele.

— Mas.. E-Eu... V-vou ter... Um f-filho... sem pai, tadinho — digo, entre soluços.

Ruan não tem ideia do que fazer comigo, encosto a cabeça em seu ombro e as lágrimas caem feito enxurrada, molhando a camisa dele, que afaga meus cabelos.

— Por que me deixou fazer essa maluquice? — disparo, assim que passa a crise de choro.

— Ei, em minha defesa, eu tentei te fazer mudar de ideia, mas agora

não tem como voltar atrás, querida. Olha para mim — pede, segurando meu queixo. — Pense que, aqui dentro — ele leva a mão à minha barriga —, mora um pedacinho muito importante do seu marido... do meu irmão.

Recomeço a chorar quando ele cita Rodrigo.

— Não vou... c-conseguir fazer i-isso sem e-ele. — Meus lábios tremem, enquanto falo.

— Cá, não chora. — Seus dedos acariciam minha bochecha.

— E se der tudo errado? — pergunto, entre lágrimas.

— Você é forte, querida! — ele diz, convicto.

— Não, eu sou uma fraude. — Cubro o rosto com as mãos e ele começa a sorrir. — Para de rir de mim, Ruan!

Ele se afasta quando tento dar-lhe um tapa.

— Para de falar besteira e me escuta. — Ruan segura meus ombros, tentando não sorrir. — Vou estar aqui com você, tudo bem? Não sei quase nada sobre bebês, mas a gente pode aprender juntos, o que acha?

O encaro, para ter certeza de que está falando sério e sua expressão não é de quem vai me deixar na mão nos piores momentos.

— Tem certeza? — Estreito os olhos. — Promete que não vai fugir quando eu estiver maluca, sem saber o que fazer com um bebê no colo? — Fungo e limpo o nariz, não sei o que me deu, de repente fui dominada pelo medo.

— Sim, não vou fugir — responde, calmamente.

— Promete que me ajuda a escolher aquelas roupinhas *pitititas*? — Arqueio a sobrancelha e encaro as minhas mãos.

— Claro, que sim!

— Promete que não vai deixar seu sobrinho morrer de fome e nem que seja roubado quando estiver passeando no shopping?

Ruan sorri, divertindo-se com as minhas preocupações.

— De onde *tá* tirando tanta maluquice, Cá? — Nos encaramos e ele acaricia a palma da minha mão com o indicador. — O que quer que eu prometa, de verdade?

Respiro fundo, não me sinto segura com o que pode acontecer daqui para frente e Ruan tem sido um amigo tão leal, apesar de todos os julgamentos que fiz dele.

— Promete que nunca vai me deixar sozinha com essa criança? — O

encaro com um olhar pidão e ele abre um sorriso. — Pare de rir de mim, Ruan — esbravejo, batendo em seu ombro.

Ele segura uma mecha do meu cabelo entre os dedos e me encara.

— Prometo qualquer coisa a você, Carol — ele diz, bem próximo a mim e, com tanta intensidade, que o meu mundo para por alguns instantes.

Atribuo todas essas sensações estranhas aos hormônios da gravidez, eu não posso sentir nada pelo tio do meu bebê, mas ele é tão gentil e atencioso, que essa tarefa está ficando cada vez mais difícil.



Capítulo 5

RUAN

Conviver com Carol tem sido complicado, porque cada dia que passa me sinto mais incapaz de esconder os meus sentimentos. Preciso ser honesto comigo mesmo e admitir que me arrependi de ter embarcado nessa loucura com ela.

Quase tive um ataque cardíaco, enquanto a esperava no dia em que foi inseminada, apesar de ter me informado sobre o procedimento e saber que era bem simples, tive medo de que isso tudo desencadeasse lembranças que a fizesse mergulhar em uma profunda depressão, mas graças aos céus, isso não aconteceu. Acho até que a possibilidade de ter um filho a fez ver a vida de forma diferente.

Tenho lutado contra a vontade de beijá-la cada vez que nos encontramos, hoje vamos à clínica para fazer o exame de sangue, já que nenhum de nós soube ler com precisão o teste de farmácia e estamos cheios de dúvidas. Ontem à noite, depois do pequeno ataque dela, consegui acalmá-la e assistimos a mais alguns episódios de Criminal Minds, sei os reais motivos de seu interesse na série, mas sempre acabo rindo bastante de seus comentários.

— E se eu não estiver grávida? — ela questiona, enquanto aguardamos

o resultado do exame na sala de espera do laboratório.

— Tentamos novamente. — Seguro sua mão, usando um tom encorajador.

Talvez eu esteja gostando mais do que deveria dessa situação, mas quem se importa, não é mesmo?!

— Ah, que lindos! Espero que consigam engravidar, formam um casal tão fofo. — Uma mulher de meia-idade suspira, enquanto bisbilhota nossa conversa.

Seguro o riso e Carol me belisca. Tento desmentir a senhora, mas desisto ao ver que ela parece tão sonhadora, não serei eu a destruir seus devaneios românticos e, pelo visto, minha ex-cunhada não pretende desfazer o mal-entendido, pois está se divertindo com a situação.

— Devia ter vindo com a Lena — ela sussurra, colocando a mão na boca, quando a mulher continua a nos olhar, encantada. — Mas aquela lá tem se saído uma bela de uma traíra.

— Sua amiga é sensata e você precisa admitir. — Lembro-me de que Carol me contou sobre a objeção de Helena à ideia da inseminação. — Gosto dela, aliás, sabia que ela é uma cliente assídua da Degust's?

— Uma puxa saco! — diz, entre risos e não entendo sobre o que exatamente está falando. — Tenho certeza de que Lena não tinha nada para fazer esta manhã, mas quando citei o seu nome como segunda opção, achou imediatamente um compromisso esquecido na agenda.

Rimos juntos, alguma coisa me diz que Helena tem um plano obscuro e nem quero saber do que se trata. Todas as vezes que vai à confeitaria, ela dá um jeito de falar comigo e enfatizar o quanto Carol está diferente desde que voltamos a nos falar.

Tenho perdido muito tempo pensando em como teria sido se o primeiro a se declarar para Carol tivesse sido eu, em vez de Rodrigo. Aperto sua mão sobre o meu braço, analisando-a de perfil. E se ela fosse apaixonada por mim? Se de repente eu tivesse lutado pelo que sentia? Será que teríamos uma família, como a que ela sonha hoje?

Balanço a cabeça para espantar os pensamentos e noto que ela está muito quieta.

— Ruan, o que eu vou fazer se estiver realmente grávida? — ela me questiona, mordendo os lábios nervosamente.

— Vai ter o bebê. — Conversamos baixinho de modo que a senhora bisbilhoteira não escute. — A gente já teve essa conversa, Cá. Não foi para isso que fez a inseminação?

— Foi, mas sei lá, tô com medo agora. — Ela esconde o rosto em meu braço.

— Carol Koch. — A recepcionista interrompe nossa conversa e a garota ao meu lado levanta, apreensiva, indo até o balcão.

Ela volta, hesitante, com o envelope lacrado nas mãos, estou começando a aceitar a ideia dessa gravidez e igualmente ansioso para saber o resultado.

— Ruan, você pode abrir para mim? — Ela me entrega o envelope.

— Tem certeza?

— Não, mas, por favor, abra logo ou vou ter um treco de ansiedade. — Ela senta ao meu lado e esfrega as mãos. — Vamos, acabe logo com essa agonia!

Rasgo o envelope, retiro o papel, um tanto nervoso com o conteúdo, e sinto um baque enorme ao ler o resultado.

— Anda, Ruan, me diz o que *tá* escrito aí? — Carol me diz, de olhos fechados.

— Deu negativo... — respondo baixo.

— O quê? — Ela abre os olhos e toma o papel da minha mão. — Negativo...

A sinto murchar em um segundo e a abraço, apertado.

— Ainda tem duas tentativas, Cá — digo, após um tempo em silêncio. — Você vai conseguir, querida!

— Esperma congelado é preguiçoso. — Ela se afasta de mim e limpa uma lágrima solitária em seu rosto. — Quem sabe eles resolvem trabalhar mês que vem, não é mesmo?

Ela ri e me sinto um tanto aliviado por sua reação.

— Pode me deixar em casa agora? Tenho um texto para entregar até amanhã e estou quase lá. — Carol levanta e seguro a sua mão.

— Você está bem? — Não escondo a preocupação.

— Vou ficar, Ruan.

— Quer fazer alguma coisa para distrair? — Ela solta a minha mão e se apoia em meu braço, enquanto caminhamos até o estacionamento.

— Não quero te atrapalhar, já fez por mim mais do que deveria. Não se preocupe, Helena vai ficar comigo. — Coloco a mão em cima da sua e ela me encara. — Tem sido um ótimo amigo, obrigada por tudo!

— De nada! Posso ao menos te oferecer uma fatia de torta de chocolate belga?

— Isso é jogo baixo, sabe que eu não recuso comida. — Rimos juntos.

— Dizem que chocolate cura qualquer coisa, vamos testar, então.



Simone me beija, com fervor, quando entramos no meu apartamento, só que não consigo me concentrar no que estamos fazendo, minha mente divaga para certos olhos amendoados que tem roubado meu sono nas últimas semanas.

— Ruan — a loira me chama, desanimada, estalando os dedos. — Planeta terra chamando...

Meu olhar foca no seu, os olhos azuis intensos, os fios loiríssimos e o corpo esguio em nada lembra a mulher que povoa meus pensamentos, isso deveria ser o suficiente para mantê-la longe, porém, o efeito é contrário.

— Desculpe, estava pensando no trabalho — minto, sem olhá-la.

— Quem não te conhece, que te compre, *tá* é pensando na sua cunhada, que eu sei. — Ela se afasta, colocando a bolsa sobre o aparador. — Você nem consegue disfarçar mais.

— Tem alguém com ciúme de mim aqui? — Vou até ela, a puxando de volta para mim e beijo seus lábios.

— O quê? — Ela finge que está ofendida. — Isso aqui é só sexo para aliviar a tensão, querido. Você é meu chefe e tenho fetiche com essas coisas.

— É você quem está dizendo.

— E falo a verdade, desde que Carol voltou para sua vida, você anda distante. Não nos vemos com a mesma frequência. — Seu tom não é de quem está chateada. — Nem tente negar, dá para ver seus olhos brilhando quando está com ela.

Solto um suspiro longo, por mais que eu tente esconder, é fato de que os meus sentimentos por Carol continuam intactos e estar tão próximo dela

não ajuda em absolutamente nada. O que Simone e eu temos é apenas um acordo, trabalhamos juntos e quase não temos tempo de sair, então é conveniente que fiquemos juntos uma vez ou outra.

Voltando à viúva de meu irmão, quase três meses se passaram desde que voltamos a nos falar, ela fez a segunda tentativa de inseminação há três semanas e me fez prometer que vou parar de me preocupar tanto com ela e viver como uma pessoa normal, pelo menos por uns dias, porém, não consigo fazer isso.

— Desculpe! — assumo.

— Não tem que se desculpar, Ruan. De verdade, eu gosto de você, mas o que acontece entre nós é algo carnal. Preciso admitir que estar contigo é maravilhoso, só que eu sei a hora de me retirar. — Simone senta no sofá da sala, enquanto tira os sapatos.

— Ah, eu queria tanto esquecer essa mulher... — divago, sentando-me ao seu lado.

— Acho que está fazendo muito esforço para nada, por que não assume logo o que sente?

— Não é assim tão fácil — lamento. — Ela era esposa do meu irmão, como acha que meus pais irão reagir?

Simone se volta para mim e segura a minha mão.

— Sabe o que eu acho? — pergunta, estreitando os olhos. — Que você está com medo de como ela vai reagir, por isso, inventa essas desculpas absurdas.

— Ei, você não deveria me falar essas coisas. A gente veio aqui pra transar e, não, *pra* falar da Carol. — Desvio do assunto.

— Nem tente desconversar — ela ralha, sorrindo. — Claro que queria transar loucamente hoje e esquecer o nosso dia de cão, mas tô vendo que não vai rolar e você mente muito mal. Acho melhor pararmos por aqui, antes que alguém se machuque.

Ela levanta, arrumando os cabelos e retocando o batom no espelho próximo à porta.

— Vai ficar chateada? — Vou até ela e toco seu braço, preocupado.

— Ah, pelo amor de qualquer coisa. Você é só uma foda boa para mim, sem ofensas e acho que Carol precisa saber o que sente por ela. Sugiro que corra até aquele apartamento e conte tudo. — Ela pega suas coisas e me beija

o rosto. — Boa noite, Ruan!

Depois que ela sai, fico um tempo deitado no sofá, encarando o teto sem saber o que fazer, então meu celular começa a tocar e quando vejo o nome na tela, já imagino o pior.

— Aconteceu, Ruan! — A voz do outro lado está eufórica demais. — Eu estou grávida, de verdade!

— Uau... Parabéns, mamãe! — Ponho-me de pé, realmente empolgado.

— Juro que desta vez não é alarme falso. Fiz o exame de sangue no fim da tarde e deu positivo. Eu tô me sentindo diferente, sabe?! — Dá para sentir sua felicidade através do telefone e fico tentado a vê-la assim, tão radiante, pessoalmente.

— Posso te ver? — pergunto, hesitante.

— Claro, vou fazer pipoca para gente comemorar. — Ela nem me dá a chance de responder e desliga.

Enfio o aparelho no bolso, pego minhas chaves, sorrindo feito um idiota, como se o filho que ela espera de repente fosse um pedacinho de mim também. Quando chego ao seu apartamento, sou recebido por uma Carol eufórica, que não para de falar sobre como se sentiu diferente desta vez, que tem tido enjoo matinal e não quis me dizer nada para evitar que eu me preocupasse.

— Que bela amiga você é, hein? — Finjo estar ofendido e ela ri, enquanto nos agasalhamos no sofá.

— Só estava te poupando, seu bobo. — Ela dá um tapinha em meu ombro. — Agora eu vou aproveitar desta nova condição, não se preocupe. Já que está aqui, o que acha de *maratonar* alguma série, amanhã é sábado e você nem precisa ir cedo *pro* trabalho.

Ela me encara com os olhos pidões, até que assinto.

— Só dois ou três episódios, Cá. — Tento soar sério, mas a verdade é que adoro estar com ela. — Mas você me prometeu pipoca e até agora só senti o cheiro.

— Credo, que abusado! — Ela ri, enquanto se levanta e a sigo.

— E, então, já contou para os meus pais? — pergunto, curioso, quando chegamos à cozinha.

— Não. — Ela morde o lábio. — Promete que vai guardar segredo?

— Claro — digo, sem tirar os olhos da sua boca, encostado ao batente da porta.

— É sério, Ruan! É muito recente, quero contar só quando estiver com mais semanas de gestação e me sentir segura. — Ela me encara, suplicante.

— Por que me contou? — Fico curioso, já que a fala dela me pega de surpresa.

— Está me ajudando com essa questão de voltar a viver, me apoiou quando achei que ninguém faria — Carol fala despretensiosamente, enquanto pega uma vasilha no armário para colocar a pipoca. — Isso é importante para mim, Ruan, promete que vai guardar segredo?

— Tudo bem, eu sempre faço o que você quer, não é mesmo? — Exibo um sorrisinho divertido sem olhá-la.

Nos últimos meses tenho vivido em função dela, Simone tem razão em dizer que estou sendo óbvio demais e, sim, faço qualquer coisa para vê-la sorrir. Graças aos céus isso tem acontecido com muita frequência agora, a terapia a tem ajudado a superar a perda do marido e voltar a ver a vida como uma benção.

— Ei... — Carol me joga pipoca —... não precisa jogar na cara.

Roubo a vasilha de suas mãos, levantando os braços para cima, enquanto ela tenta alcançar, então ficamos presos no olhar um do outro e sinto como se o meu coração de repente fosse uma escola de samba. Ela sorri e meu mundo congela, coloco a pipoca sobre o balcão, devagar, sem perder o contato visual, deslizo os dedos por sua pele macia e a vejo fechar os olhos.

— Não estou jogando na cara — sussurro. — Eu gosto de fazer o que você quer.

— Isso é bom, porque está se tornando importante para mim, Ruan — ela devolve, sem abrir os olhos, um arrepio percorre meu corpo, seu cheiro invade meus pulmões embriagando-me e não sou capaz de controlar o que vem a seguir.

Enfio as mãos em seus cabelos e a puxo para mim, invadindo sua boca em um beijo saudoso, que é correspondido e... Por Deus! Esse é o melhor sabor que já senti na vida, a pressiono contra a parede com o meu corpo.

Cada parte de mim a reconhece como a pessoa por quem esperei a minha vida inteira, nós nos perdemos um no outro por um tempo. Seu toque é suave, o gemido baixo que escapa de seus lábios causa um frenesi de

emoções em meu peito, o cheiro dela é viciante e faz com que eu deseje morar em seus braços nesse momento.

Nos afastamos, ofegantes, encosto minha testa na dela, fechando os olhos com medo de ver arrependimento em seu rosto, seu nariz roça o meu, chamando minha atenção e abro os olhos, hesitante, mas não estava preparado para o que veria. Seu rosto está vermelho, seus olhos em chamas e não resisto ao convite dos seus lábios entreabertos, nos beijamos novamente, com tanta entrega, que tenho medo de estar em mais um de meus sonhos.

— Ruan — ela, diz assim que me afasto em busca de ar. — Isso é...

— Errado — sussurro, sem conseguir soltá-la dos meus braços.

— Também. — Seus olhos brilhantes se prendem aos meus. — Não se desculpe por isso, eu quis tanto quanto você.

— Não consigo evitar o fato de que há uma coisa que me puxa sempre para você, Cá. — Brinco despretensiosamente com uma mecha do seu cabelo sedoso. — Estou cansado de lutar contra isso.

Carol fecha os olhos e descansa a cabeça em meu peito sem dizer nada, ficamos assim por um longo momento. Sua mão pousada sobre a minha camisa, fazendo com que eu me sinta a pessoa mais afortunada do universo.

— Ruan...

— Estou aqui.

— Não lute. — Ela se inclina para mim, enquanto seguro seu queixo delicadamente. — Pelo menos, por esta noite, é errado, eu sei, mas preciso sentir o que você me traz cada vez que me toca. Me sinto viva outra vez, capaz de ser quem quiser.

— Você está viva, pequena. — Beijo a ponta do seu nariz e deslizo a mão para a sua barriga. — E agora carrega outra vida aqui dentro.

Beijo seus lábios novamente, sentindo sua entrega e o meu coração está prestes a explodir de felicidade. É como se o universo de repente tivesse decidido a me devolver em dobro tudo o que abri mão ao longo da vida.



Capítulo 6

CAROL

Eu não sei o que está acontecendo comigo, mas gosto cada vez mais da presença de Ruan nos meus dias e tenho muito medo de como meu corpo reage a ele. Desde que descobri a gravidez, há alguns meses, nós não nos desgrudamos mais e, o que era para ser apenas por uma noite, foi se estendendo, não conseguimos mais controlar.

Estamos em uma espécie de relação muito estranha, porém, confortável para ambos e continua parecendo um erro, afinal, ele é o tio do bebê que espero e não devia me apegar tanto, preciso respeitar a memória de Rodrigo. Minha terapeuta pensa o contrário, acha que já está mais que na hora de seguir em frente e que meu falecido marido não gostaria de me ver infeliz, mesmo que isso significasse estar com seu irmão.

— Que cara é essa, Cá? — Helena me pergunta, desconfiada, enquanto esperamos o pedido na praça de alimentação do shopping.

— Só estou pensando em algumas coisas da minha vida — respondo, sem olhá-la.

— Ah, sim... Ruan seria uma delas? Porque eu tenho visto o quanto avançaram, decidiram se assumir finalmente? — Ela brinca com o celular entre as mãos.

— Assumir o que, Lena?

— Me engana que eu gosto, sei que vocês andam se agarrando pelos cantos, em qualquer oportunidade. — Meu rosto fica vermelho de vergonha e minha amiga ri, se divertindo do meu embaraço. — Quer saber? Acho isso ótimo, está mais feliz desde que se aproximaram novamente, não há mais aquela aura pesada à sua volta. Se soubesse disso, teria armado um encontro entre vocês antes da dona Edna.

— A gente não tem nada! — afirmo, decidida, mas não consigo esconder o meu desapontamento. — Nem podemos ter, ele é o tio do meu filho, isso é... errado.

— Amiga — Lena segura as minhas mãos —, errado é deixar um homem daqueles escapar, tá na cara que o Ruan é apaixonado por você. Meu Deus! Ele é maravilhoso, o mundo daquele homem gira em torno do seu. Quem dera eu tivesse alguém assim na minha vida.

— Ele é só um ótimo amigo, tudo que faz é porque estou carregando um bebê do irmão dele. — Nem eu acredito no que acabo de dizer.

— Você é cega ou se faz de doida? — Ela estala os dedos na frente do meu rosto. — Acorda, Carol! O seu marido está morto, abrir seu coração novamente não significa que está traindo a memória dele.

— Eu não posso fazer isso...

— Ah, pode! Por mais que tente negar, seus olhos brilham quando fala de Ruan e quando estão juntos... Meu Pai amado, é como se ninguém mais existisse além dele — Lena diz, usando um tom que me assusta. — Amiga, só precisa se permitir viver novamente.

— O que as pessoas vão pensar de mim, Lena? — Mexo as mãos nervosamente, sem conseguir encará-la.

— Que se danem as pessoas, o que importa aqui é a sua felicidade. Nos últimos meses, vi você sair do seu casulo, aos poucos, e não pode permitir que a opinião das pessoas te faça regredir. — Ela segura minhas mãos, tentando me encorajar. — Apenas viva o momento! Rodrigo, com certeza, desejaria que fosse feliz. Se joga, amiga!

— Como vou olhar para dona Edna e seu Alberto? — A encaro com tanta vergonha e ela continua a me impulsionar.

— Esqueça isso! Acredite, eles querem que você seja feliz, talvez resistam a ideia no início, mas vão aceitar. — Ela aperta minhas mãos sobre a

mesa e sorri, cheia de segundas intenções — Já transaram?

— Lena! — ralho, e algumas pessoas se viram para nos olhar.

— O quê? — Ela estreita os olhos. — Não aconteceu ainda?

— Não. — Mordo o lábio.

— Oh céus, deve tá cheia de teias de aranha lá embaixo. — Lena ri. —

A pegada dele não é boa?

Olho para os dois lados e respondo baixinho:

— Ruan é maravilhoso — admito pela primeira vez em voz alta. —

Quando ele me toca, pareço um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Então, por que diabos ainda não deu para ele, minha amiga?

— Porque, se isso acontecer, nós dois sabemos que será um caminho sem volta e não achamos que ultrapassar essa linha seja o certo a se fazer. — Tento explicar.

Houve alguns momentos em que Ruan e eu quase nos rendemos à química dos nossos corpos, porém, recuamos por acharmos que não era a coisa certa a se fazer. Quando o fogo se alastra entre nós, ele se afasta e vai embora — às vezes, ele só sai e fica do lado de fora do meu apartamento, até que a sanidade volte —, mas isso está cada vez mais incontrollável.

— Olha, esse homem é um santo. — Ela se diverte. — Vou fazer um altar em homenagem a ele.

— Cala a boca, Lena!

— É sério, só pare com essa baboseira de ser a coisa errada. Se te faz bem, não pode ser errado, Cá. — Ela suspira de repente. — Já imaginou em como ele vai ficar no papel de pai?

— Delicioso... — me rendo, por fim.

A comida chega e paramos de falar sobre Ruan, mas meus pensamentos continuam nele. Será que estou apaixonada por ele?

— E aí, como vão os planos da nova mamãe, tirando aquele homem maravilhoso?

— Ainda é muito cedo para pensar em qualquer coisa que envolva o bebê — reflito. — Ainda não contei à dona Edna e seu Alberto sobre a gravidez, não quis criar expectativas.

— Credo, que pessimismo. — Ela bate na madeira da mesa. — Eu fui contra essa ideia, mas agora que está grávida, nem lembro mais por que fiquei tão chateada.

— Meu médico disse que nas próximas semanas já posso suspirar, aliviada — informo, sem esconder a apreensão. — Tive tanto medo de não dar certo, de acontecer alguma coisa e ser novamente só um alarme falso. Só temos amostras para mais uma tentativa e seria muito incerto.

Helena é uma boa amiga, sei que sua objeção no início tinha mais a ver com o modo como eu estava levando a minha vida, mas agora as coisas estão diferentes e com a gestação me sinto outra pessoa, além disso, me sinto realmente feliz por tudo estar acontecendo tão rápido.

— Ah, chega desses pensamentos! Não faz bem *pra* sementinha, deu tudo certo e em breve vai ter um bebezinho nos braços. — Ela põe uma mão na bochecha. — Ai, meu Deus, eu vou ser tia!



Estou extremamente concentrada no trabalho e a história me toca de um modo indescritível. Limpo as lágrimas, continuando a dar os últimos retoques no epílogo, há alguns meses eu andava tão desacreditada dos finais felizes e agora eles já não parecem uma mentira forjada. Com a terapia, entendi que tive meu final feliz com Rodrigo, afinal, tudo que vivemos não pode jamais ser desconsiderado e estar grávida de um filho dele é como se pudesse adicionar um bônus ao epílogo dessa parte da minha vida.

Revisar, para mim, é aperfeiçoar o sonho do autor e ajudá-lo a fazer com que o leitor entenda de forma coesa a mensagem final da história, sou extremamente apaixonada pelo que faço e quase desisti disso por conta da perda que sofri. Dou um suspiro longo ao salvar a versão final que irei enviar à editora, tenho certeza absoluta de que será um sucesso.

O enredo é muito romântico, conta sobre um casal que se conhece desde a adolescência e de repente se veem apaixonados, mas não sabem direito como reagir ao sentimento novo e enfiam os pés pelas mãos, algumas vezes, até se acertarem. Me dou conta de que essa história poderia ser minha e do Ruan, balanço a cabeça, tentando espantar o pensamento.

Abro uma caixinha com fotos antigas que guardo em cima da escrivaninha, são lembranças lindas de uma vida que achei ter perdido. Rodrigo, apaixonado, sorri largamente para a câmera, enquanto me segura em

seu colo, meu humor não estava dos melhores nesse dia, porque eu e Ruan — que, por acaso, foi o fotógrafo — havíamos discutido por alguma bobagem e me recusei a olhar para a câmera.

Passo cada uma delas saudosa pelos momentos felizes que passei ao lado de meu marido, já não dói tanto recordar dele. No fundo da caixa há uma foto virada, como se eu quisesse esquecê-la quando a guardei ali, fico curiosa e quando visualizo o momento registrado, me lembro da razão que me fez querer escondê-la.

Na foto, Ruan olha fixamente para a lente e eu estou encarando seu rosto com admiração, apoiando minhas mãos em seu ombro, nessa época ainda não namorava Rodrigo e nutria uma paixão pelo, agora, meu cunhado. Eu achava que era correspondida, mas nunca cheguei a me declarar, muito menos, ele. Depois acabei me apaixonando pelo seu irmão mais novo e tudo mudou entre nós.

Deslizo os dedos pela imagem do rosto de Ruan, muita coisa mudou entre nós ao longo dos anos e acho que estou realmente gostando dele. Meu celular toca, assustando-me.

— Oi. — A voz faz meu coração acelerar. — Você tá bem?

— Oi, estou sim. Você sumiu o dia todo, aconteceu alguma coisa? — pergunto, desconfiada, ele nunca passa tanto tempo sem falar comigo.

— Foi por uma boa causa, garanto! — Tem um mistério no modo como fala. — Já acabou o trabalho?

— Sim, o que está aprontando, Ruan?

— Ah, vai ver daqui a pouco. Passo aí em meia hora e é melhor que esteja pronta, vamos sair. — Ele está empolgado, o que eleva ainda mais a minha curiosidade. — Nos vemos daqui a pouco, Cá!

Me apronto rapidamente, parando apenas para admirar a minha barriga — que ainda não despontou — no espelho, antes de colocar o vestido soltinho que me deixa muito “grávida”, como Lena disse ao me presentear. Faço uma maquiagem leve e procuro por um par de sandálias rasteiras na sapateira, quando a campainha toca.

Abro a porta e tenho a confirmação de que estou realmente apaixonada pelo homem de pé diante de mim.

— Olá — ele diz, encostando a cabeça no batente e me estende a mão. — Você está linda, Cá.

Ruan me puxa para si e envolve as mãos em seu pescoço, inalando seu cheiro amadeirado, ele sorri e encosta o nariz ao meu, em um carinho gostoso.

— Senti saudade — digo, baixinho, e o sorriso em seu rosto se alarga.

— Eu também, pequena. — Seus lábios encontram os meus e me esqueço dos motivos tolos para não me entregar a tudo que sinto por ele.

Nosso beijo é longo, seu sabor me invade, preenchendo cada parte de mim, sua mão em minha cintura aperta-me contra o corpo quente e quando afastamos nossos lábios em busca de ar, percebo que precisamos assumir de uma vez o que está acontecendo entre a gente.

— Quero te levar a um lugar. — Ele deslizando as mãos pela minha cintura. — Se continuar me beijando assim, não sairemos deste apartamento.

Encosto a cabeça em seu peito e escuto seus batimentos ritmados, por mim ficaria aqui para sempre, sem me importar com absolutamente nada. Ele beija meus cabelos e afaga minhas costas, com carinho.

— Podemos ir? — sussurra. — Não vou resistir por muito tempo.

— Sim. — Sorrimos como bobos.

Pego minhas coisas, fecho a porta e damos as mãos, enquanto caminhamos até o elevador. Normalmente eu tentaria desfazer o contato, assim que alguém entrasse, mas hoje faço algo diferente e me encosto nele ainda mais quando dois vizinhos entram.

Chegamos ao estacionamento, ele me pede para esperar um pouco antes de entrar no carro, abre e tira uma máscara de dormir do porta-luvas.

— O que é isso? — pergunto, curiosa.

— Um modo de você só saber sobre o nosso destino quando estivermos lá. — Ele coloca a máscara em mim e encosta os lábios nos meus. — Sem trapacear, pequena.

— Isso é golpe sujo, Ruan.

— Não é, não. — Sorri ao me ajudar entrar no carro.

Nem tenho ideia de onde Ruan está me levando e, por mais que eu tente extrair essa informação durante o percurso confuso que fazemos, ele não está disposto a facilitar as coisas para mim. Quando estaciona o carro, sinto minha pulsação acelerar e a respiração falhar.

— Respira devagar, Cá. — Sua voz soa bem perto, assim que abre a porta ao meu lado. — Só confie em mim, tudo bem?

— Ok. — Saio do veículo com sua ajuda.

Sinto cheiro de natureza, trazendo uma lembrança quase esquecida de uma noite, há muitos anos, em que quase nos beijamos, mas ele não se lembraria disso. Ouço o farfalhar das árvores, é possível que estejamos no mesmo lugar?

O vento frio toca minha pele, causando um arrepio gostoso e tento tirar a venda dos meus olhos.

— Ainda não! — ele diz, forçando-me a caminhar até um ponto específico.

— Onde estamos? — insisto e finalmente tenho a venda tirada dos meus olhos.

É como se eu voltasse no tempo e fosse aquela adolescente boba, que nutria uma paixão não correspondida pelo melhor amigo. Este local era um segredo nosso, um sítio abandonado naquela época e sempre que queríamos fugir do mundo, acabávamos aqui, jogando conversa fora.

Olho em volta, a primeira coisa que me dou conta é que no lugar da casa velha abandonada há uma muito bem cuidada, tão linda, que parece ter saído de um dos romances que ando revisando nos últimos dias. Fecho os olhos e sinto as lágrimas molharem meu rosto.

“Como seria esta casa se fosse tua, Cá?” Quase posso ouvir a versão mais jovem de Ruan me perguntando, enquanto olhávamos o céu estrelado.

“Seria uma casa branca com persianas azuis, igual àquele livro que você me deu, semana passada.” Minha resposta ecoa em meus pensamentos.

— Não é possível! — digo, levando a mão à boca. — A deixaram exatamente igual imaginamos.

Ele ri, colocando as mãos no bolso, então, noto outra coisa: uma mesa posta, decorada com velas e rosas brancas do lado oposto de onde estamos no jardim, faço menção de sair do lugar, mas ele me impede.

— Espere! Quero te contar uma história — diz, ficando frente a frente comigo e segurando as minhas mãos entre as suas. — É sobre um rapaz bobo que se apaixonou pela melhor amiga e teve medo de não ser o que ela merecia, mas então, em uma noite quente de verão, ele quase desistiu do seu plano de nunca dizer o que sentia e quase a beijou bem aqui, neste jardim, sob a luz das estrelas...

— Ah, Ruan — digo, soltando uma das mãos e tocando seu rosto

delicadamente.

— Me deixe terminar — pede, cobrindo a minha mão com a sua. — Então, um pouco antes de quebrar a própria promessa, ele lembrou que podia estragar tudo e recuou. A garota não entendeu, mas eles nunca falaram sobre aquele momento. Algum tempo depois, ela se apaixonou pelo irmão do rapaz, que achou melhor deixar o caminho livre para que pudessem ser felizes, como sabia que mereciam. — Ruan agora me parece tão transparente. — Acredite, eles foram. Ainda assim, o rapaz continuou a amá-la, nem mesmo as provocações sem fundamento dela o fez esquecê-la.

Ele faz uma pausa e sua respiração fica pesada.

— O jovem se punia por amá-la todos os dias, mas então, uma tragédia horrível aconteceu, seu irmão morreu. Isso o devastou, mas ele precisava ser forte e cuidar das pessoas que dependiam dele, chorou escondido várias noites, desejando que sua vida tivesse sido tirada no lugar da do seu irmão. — Ruan limpa uma lágrima teimosa em seu rosto. — Ver a tristeza no rosto das pessoas que amava, o machucava demais...

— Me perdoe! — peço, deslizando o polegar por seu maxilar.

— Ainda não acabei — continua, fitando-me intensamente. — Depois de um tempo, ele percebeu que não adiantava ficar se culpando, precisava fazer com que as pessoas enxergassem a perda do mesmo modo que ele. Não foi fácil, mas ele estava se saindo bem. De repente, o rapaz se viu envolvido novamente pela garota e dessa vez prometeu a si mesmo que não a deixaria ir, como já deve ter imaginado, aquele rapaz sou eu. Amo você, Carol, a verdade é que sempre a amei, só fui covarde demais para assumir.

Fico sem palavras, fui tão injusta com ele.

— Tudo o que passamos juntos, nos últimos meses, só me fizeram ter certeza de que continua sendo a mulher da minha vida. — Ele emoldura meu rosto entre as mãos. — Me deixe cuidar de você e desse bebê, que já amo como se fosse meu, namora comigo?

O pedido me pega desprevenida e permaneço em silêncio. É claro que sinto algo por ele, ainda não sei se devo seguir em frente, mas meu coração não está nem um pouco interessado nos comandos que o cérebro envia e bate desenfreado no peito, sinto as pernas falharem, Ruan me segura firme.

— Se não puder me responder agora, prometo esperar o tempo que for — ele fala, compreensivo.

Sua sinceridade me impactou, penso por um momento em sua pergunta. “Me deixe cuidar de você e desse bebê, que já amo como se fosse meu, namora comigo?” Não é uma proposta absurda, poderemos ter um lindo futuro pela frente.

— Aceito — falo, baixo demais.

— O que disse? — pergunta, incrédulo.

— Que aceito ser sua namorada.



Capítulo 7

RUAN

Tenho a sensação de que estou em um universo paralelo, onde enfim posso ter a mulher que amo em minha vida. Encaro uma Carol sorridente, enquanto lhe sirvo uma generosa fatia de torta de chocolate belga, a gravidez a deixou mais faminta e igualmente linda, ela parece irradiar beleza.

— O que foi? Já se arrependeu de ter me pedido em namoro? — Ela leva uma garfada à boca e geme de prazer, enquanto mastiga. — Sabe que em parte eu aceitei, porque você é dono da melhor confeitaria da cidade e tenha certeza de que vou me aproveitar disso.

Gargalho alto e dou a volta na mesa, encosto a cabeça em seu ombro, beijando seu pescoço.

— E acha que não vou me aproveitar de você? — sussurro, e vejo a pele se arrepiar. — Mas vou deixá-la terminar de comer a sobremesa.

— Muito generoso da sua parte — ela diz, visivelmente afetada, um pouco antes de dar uma nova garfada.

Depois do episódio em sua cozinha, há três meses, as coisas avançaram bastante entre nós, mas ainda a sentia muito insegura e não estava disposto a forçar nada. Ontem à tarde recebi uma visita um tanto inusitada de Helena, que me afirmou com todas as letras que sua amiga só precisava de um

empurrãozinho para se entregar totalmente ao que estávamos vivendo.

Em seguida, recebi uma ligação da construtora responsável pelas obras no meu sítio e foi, então, que me recordei das razões pelas quais me esforcei tanto para comprar a propriedade quando surgiu a oportunidade, ela era a única ligação que tinha com a minha, até então, cunhada. Além disso, morar distante da cidade parecia o plano perfeito para me manter longe de seus olhares acusadores, naquela época jamais poderia ter imaginado que uma tragédia nos uniria dessa forma.

Quando voltamos a nos aproximar, já estava dando início à parte da decoração, mas agora, motivado pela vontade de vê-la ser feliz novamente, revirei o sótão da casa dos meus pais em busca de um velho caderno de anotações onde escrevemos — eu e Carol — um projeto audacioso de reforma para a velha casa. Então, posso dizer que os detalhes dessa casa foram feitos pensando na mulher sentada à minha frente.

— Agora que resolvemos a parte da minha fome, acha que temos permissão para dar uma olhada na casa? — ela me pergunta, sem esconder a euforia.

— Acho que posso conseguir isso. — Pisco e vou até ela para ajudá-la a se levantar.

Caminhamos um pouco pelo jardim onde relembramos alguns momentos do início da nossa amizade. Subimos os degraus até a porta de entrada, abro-a, acendendo a luz e prendo a respiração, ainda não me acostumei com a beleza deste lugar.

Tomei cuidado para que fosse aconchegante por dentro, do mesmo modo que parecia por fora, a madeira envelhecida foi envernizada, dando um aspecto das casas de campo que vemos nos catálogos de revistas de designer de interiores. Carol está boquiaberta e olha tudo com muita curiosidade, toca os móveis rústicos, os jarros decorados com flores colhidas no jardim, analisa as cores vibrantes da decoração da sala.

— Isso é incrível, Ruan. — Ela leva a mão à boca. — Posso ver a suíte?

— Claro que sim! — Estendo-lhe a mão. — Vamos?

— É como se estivéssemos entrando em um dos meus sonhos, quando nós andávamos por aqui na adolescência. — Seu rosto está iluminado, como o de uma criança que acabou de ganhar um presente muito desejado. —

Inacreditável!

Me limito a sorrir, não quero estragar seu entusiasmo, a conduzo pela escada de mogno até ao segundo andar. Carol para diante da porta e respira fundo, enquanto gira a maçaneta. Entramos juntos e a admiração misturada ao espanto estampam seu rosto.

O quarto é espaçoso, tem uma decoração rústica, como o restante da casa, a cama com dossel está disposta no centro do cômodo, um criado-mudo de cada lado, um baú ao pé da cama e uma enorme poltrona ao lado da enorme janela de vidro, onde ela está parada agora, olhando as luzes do jardim.

De repente se vira para mim, intrigada.

— Como é possível que tudo seja exatamente como imaginei? — Ela desliza os dedos pelo tecido aveludado da poltrona. — De quem é essa casa, Ruan?

Mordo o lábio, protelando para responder sua pergunta.

— Esta casa é tua — constata, antes que eu possa dizer algo.

— É.

— Por que tem tanto de mim nela? — Seu tom não é de acusação.

Me aproximo, devagar, tocando seu rosto delicadamente.

— Porque, como disse, assim que chegamos aqui, eu amo você, Carol! — Ela desvia do meu toque. — Não quero que pense que sou um maluco que perseguia seu casamento, torci de modo sincero para que fossem felizes e quando comprei este lugar, só queria ter uma lembrança sua que não estivesse vinculada ao meu irmão, nada além disso.

— Eu jamais pensaria isso. — Ela me encara.

— Quando nos aproximamos, há sete meses, ela estava em fase de acabamento e decoração, tudo que fiz foi resgatar um caderninho antigo nosso e o resultado foi este. — Faço um gesto com a mão e ela limpa uma lágrima. — Ei, não chore!

— Não mereço você! — diz, encostando a cabeça em meu peito.

— Claro que merece, pequena. — Seguro seu queixo, fazendo-a me encarar. — Aliás, se existe alguém que merece alguma coisa aqui, é você, não, eu. Agora, pare de chorar e venha ver o closet.

Abro a porta que leva ao closet e ela suspira novamente, depois me abraça apertado.

— Eu não quero mais ir embora daqui, Ruan. Este lugar é maravilhoso, estou grávida e emotiva demais, como você pode me despertar tantas emoções em uma única noite? — Ela se inclina para mim e roubo um beijo.

— No que depender de mim, ainda teremos muitas emoções por aqui e a gente fica até o bebê nascer. — Acaricio sua barriga sob o vestido e me abaixo, mudando o tom de voz. — Não é, neném?!

Beijo seu ventre e ela sorri largamente, levanto devagar, a pressionando contra o grande espelho, percorrendo as curvas de seu corpo, sem medo, capturo seus lábios em um beijo sedento e ela corresponde do mesmo modo. Somos uma confusão de bocas, mãos e desejo ardente.

A seguro em meu colo delicadamente, levando-a para a cama, inspiro o cheiro de seus cabelos sedosos, beijo toda a extensão do seu pescoço, depois deslizo a alça do vestido para o lado e mordisco seu ombro, em resposta, Carol desabotoa minha camisa, a tirando com rapidez e percorre os dedos pelo meu tórax. Voltamos a nos beijar, sua língua invade minha boca, explorando-me e causando uma tempestade de emoções em meu corpo.

Tiro seu vestido e paro por um momento para admirar o corpo pequeno, apenas de sutiã e calcinha azul clarinho, as curvas um pouco avantajadas, por conta da sua recente condição, a deixam ainda mais perfeita. Beijo seus lábios, sem pressa, enquanto entrelaçamos nossos dedos sobre os lençóis, me afasto em busca de ar, encostando o nariz na pele arrepiada do seu pescoço.

Seguro seus seios volumosos entre as mãos, apertando-os levemente, beijo o colo, depois mordisco o bico sob a renda e ela deixa escapar um gemido de prazer. Deslizo a ponta dos dedos pela barriga que ainda está despontando timidamente, é uma das partes mais lindas dela, encosto os lábios, cheios de carinho, enquanto os dedos percorrem o caminho mais embaixo.

Massageio seu ponto mais sensível por cima da renda da calcinha e ela se contorce, retiro o tecido fino delicadamente, beijo a parte interna de suas coxas, inalando seu cheiro embriagante. Depois me dedico ao seu centro úmido, lambendo, sugando e mordiscando levemente, embalado pelos seus gemidos de excitação.

Sugo os lábios como se fosse uma fruta suculenta e extremamente saborosa, deslizo a língua pelo seu ponto intumescido em movimentos de sobe e desce, intercalando com chupadas, até que Carol se desfaleça em um

orgasmo intenso.

— Ah, que delícia, Ruan! — diz, ainda ofegante.

— Mas eu ainda nem comecei — brinco, mordiscando a pele da barriga e a beijando em seguida. — Quero que seja a melhor noite da sua vida.

— Está conseguindo seu objetivo com êxito. — Sorri, mordendo o lábio inferior e me estende a mão. — Vem aqui, ainda precisa cumprir algumas promessas que me fez.

— Tipo o quê? — Arqueio a sobrancelha.

— Ah, uns beijos deliciosos... — Carol põe o indicador no queixo. — Sexo incrível, e doces... de diferentes tipos. Anda logo, Ruan, vem cá!

— Seu pedido é uma ordem, minha formiguinha interesseira. — Exibo um sorriso divertido.

Atendendo ao seu pedido, avançando sobre ela como um felino prestes a capturar sua presa, cubro a boca carnuda com a minha, devorando-a. Nossas línguas se tocam em uma sede insaciável, seu sabor é viciante e me embriaga. Ela desabotoa a minha calça e afasto-me para tirá-la, sem desgrudar os olhos da mulher cheia de desejo à minha frente. Suas mãos acariciam meu membro duro sob a boxer e arfo, sem controlar as reações do meu corpo a ela.

Tiro seu sutiã e seguro os seios entre as mãos, massageando os bicos intumescidos com a ponta dos dedos, chupo um, depois o outro, tendo o cuidado de usar não só os lábios, como a língua também, lhe arrancando sensações que a fazem gemer cada vez mais alto e a deixando pronta para mim.

Ela se livra da minha cueca e em alguns instantes está sobre mim, deslizando sua carne deliciosamente molhada em meu membro enrijecido, tê-lo entrando nela devagar é uma sensação maravilhosa, suas paredes quentes excitadas abraçam-me, fazendo com que eu solte palavras desconexas, até preenchê-la por completo.

— Você é perfeita — sussurro, ofegante, admirando a visão dela sentada sobre mim e extremamente excitada.

Seus quadris dão início a uma dança deliciosamente sensual, rebolando e se esfregando, me levando à — quase — insanidade.

— Isso, faz assim, pequena. Sou todo seu. — Seguro seu bumbum, ajudando-a em sua performance.

A mulher põe-se a cavalgar, apoiando as mãos em meu peito e eu

jamais imaginei ter uma imagem tão linda dela, seu corpo totalmente entregue, os cabelos espalhados por toda parte, o suor escorrendo pela curva entre os seios, os dentes pressionando levemente os lábios, ela é extremamente sexy.

Trocamos de posição, fico por cima e seguro sua cintura, enquanto estoco em movimentos ritmados, os sons ocos do nosso contato ecoam pelo quarto, o cheiro do sexo se espalha, excitando-me ainda mais, inclino-me para beijá-la e sentir seu sabor ao mesmo tempo que bailamos sensualmente. Estou prestes a despencar em um abismo de emoções e nunca me senti tão à vontade para me jogar, como agora.

— Ruan, eu vou... — A sinto ficar mole, enquanto desacelera um pouco.

— Goza para mim, pequena — digo, rouco de tesão.

— *Ahhhhh*. — Ela se entrega totalmente ao momento e é uma das coisas mais belas que já vi.

— Você fica ainda mais gostosa, gemendo assim — sussurro, em um tom que beira à insanidade.

Carol se recupera rapidamente e massageia as minhas bolas, fazendo-me gemer de prazer, enquanto ela toma o controle da situação em movimentos que me levam ao ápice, então, eu despenco em gozo, arfando, gemendo, gritando tudo ao mesmo tempo.

A abraço por um momento, até que consiga controlar a respiração ofegante, beijo seus lábios e sorrimos um ao outro, sem dizer nada. Sabemos que depois de ultrapassarmos esse limiar, não há volta, permanecemos em silêncio, absorvendo tudo que acabou de acontecer entre nós.

— Você é sempre assim, tão delicioso? — ela pergunta, deitada sobre meu peito.

— Quer experimentar novamente? — Arqueio a sobrancelha e rimos juntos. — Você está bem?

— Melhor, impossível. — Carol desenha alguma coisa em meu peito e me lança um olhar divertido. — Tem um certo bebê que precisa comer, sabe?

— Ah, mas esse bebezinho vai nascer obeso, se continuar nesse ritmo. — Deslizo a mão sobre a barriga dela e finjo conversar com o serzinho que mora lá. — Me escuta, bebê, eu sei que não é culpa sua e que a mamãe te usa como desculpa para muitas coisas.

Carol gargalha alto.

— Acha que ele pode ouvir você? — ela pergunta, com os olhos brilhantes.

— Com quinze semanas? — Finjo pensar, enquanto faço carinho em sua barriga. — Com certeza ele me escuta e deve dar cambalhotas aí dentro.

— Obrigada... — Carol diz, me fitando. — Por permitir que façamos parte da sua vida, mesmo com toda a bagagem que temos.

Acaricio sua bochecha e a puxo para um beijo.

— Não é nenhum sacrifício. — Encosto minha testa na dela — Vocês dois são parte de mim e estou adorando toda essa experiência. Me desculpe pelas palavras duras lá no início, tive medo de que estivesse fazendo tudo pelos motivos errados.

— Agora eu sei que só queria o melhor para mim, obrigada por se preocupar. — Ela encosta os lábios nos meus levemente. — Talvez, sem você, eu ainda estivesse mergulhada em meu oceano de lágrimas e dor.

— Disponha. — Arrumo seus cabelos atrás das orelhas.

— Eu preciso realmente comer, Ruan. — Ela levanta, se enrolando a um lençol da cama.

— Já vamos, formiguinha! — Finjo estar bravo e dou um tapa na sua bunda.

Sorrimos e sei que os nossos dias serão ainda melhores a partir de agora. Descemos até a cozinha, a geladeira está abastecida com as mais variadas guloseimas e Carol fica em êxtase.

— Não me importaria de ser sua prisioneira, moço — ela diz, caminhando até o balcão, com o prato recheado de doces e uma fatia de torta. — Eu adorei o que fez aqui, Ruan. Tudo é tão lindo.

— Eu amei o resultado. — Coloco-me à frente dela, do lado oposto do balcão, com o meu prato de torta.

— Podemos ficar aqui para sempre? — Ela faz um tom de súplica.

— Vou pensar no seu caso.



Capítulo 8

CAROL

Esse, com certeza, foi o melhor fim de semana da minha vida, confesso que não esperava viver algo tão intenso com Ruan. É incrível como nos damos bem e o modo como ele aceitou estar ao meu lado, nesse momento tão importante para mim, o faz ser ainda mais especial.

Dizer que estou sorrindo para o vento seria eufemismo, acordar com o meu namorado é maravilhoso. A terapia me ensinou a não me sentir culpada por estar feliz e seguindo a vida, tenho certeza de que Rodrigo não desejava que ficasse em um luto eterno. Tenho uma reunião às dez da manhã com a editora, me arrumo rapidamente, enquanto escuto sons vindo da cozinha e, pelo cheiro maravilhoso que vem de lá, prevejo que meu café da manhã será delicioso, Ruan é mesmo uma caixinha de surpresas.

Arrumo meu notebook dentro da bolsa e preparo tudo para minha saída. Sou atraída pelo cheiro delicioso e vou até a cozinha, encosto-me ao batente da porta para admirar Ruan de bermuda, fazendo o que faz de melhor, ser o meu cavaleiro de armadura brilhante.

— Bom dia! — Interrompo seu momento e ele se vira para mim.

— Bom dia — fala, enquanto coloca o conteúdo da frigideira do prato.
— Dormiu bem?

— Melhor, impossível. — Roubo um beijo quando passo por ele. — Sabia que você fica muito sexy nesta cozinha?

— É mesmo? — O homem me prende em um aperto, beijando meu pescoço.

— Assim está bem melhor. — Me derreto com seu toque. — Então, o que preparou aí para mim? Estou faminta.

— Me conta uma novidade, formiguinha. — Ele me vira para si e aperta o meu nariz. — Fiz panquecas com mel, suco de laranja e piquei algumas frutas. Precisa se alimentar direito, nem só de doces vivem as grávidas.

— Ah, mesmo? Droga! Achei que era só disso que elas viviam durante os nove meses. — Ele sorri e me beija em seguida.

— Se deu mal, pequena. — Ruan faz carinho com seu nariz no meu e pousa a mão em minha barriga. — Bom dia, bebê. Espero que todo o doce que sua mãe comeu no fim de semana não te faça nenhum mal. Juro que tentei te proteger, mas ela luta com armas muito melhores que eu.

Adoro quando ele conversa com a minha barriga e tem sido cada vez mais frequente nos últimos dias. Fico rindo igual uma boba de suas palavras.

— Fique sabendo que o Ruan não facilita a vida da mamãe. — Coloco a mão em cima da dele.

— Que calúnia! — Ele finge-se de ofendido. — Não acredite em tudo que sua mãe diz — sussurra. — Vamos comer, preciso trabalhar e você também.

Nosso café da manhã é interrompido pelo toque do seu celular e ele vai para outro cômodo atender, quando volta seu semblante está um pouco preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, segurando seu braço quando ele senta ao meu lado.

— Meus pais estão chegando de viagem, amanhã — revela, massageando a têmpora.

Apesar de cuidar dos negócios da família, Ruan não tem uma boa relação com o pai.

— Eles não iam chegar só na outra semana? — digo, confusa, antes de colocar uma colherada de frutas picadas na boca.

— Sim, mas quiseram fazer uma surpresa. — Sua voz está um tanto

desanimada.

— As coisas estão muito ruins entre você e seu pai?

— Não falo com ele desde que viajaram — diz, com pesar. — Acho que ele me culpa pela morte do Rodrigo, não sei. Ficou chateado com a minha reação quando descobri que você ia fazer inseminação, tivemos um bate-boca.

— Sinto muito, por ter causado isso.

— Não sinta, você sabe como é. — Reparo que seu prato está intacto. — Mamãe me pediu para fazer uma reserva em um restaurante que você gosta e que a convide para um jantar com eles, na quarta.

Ainda não contei para os meus ex-sogros que estou grávida, talvez seja um ótimo momento para revelar que muito em breve se tornarão avós e mostrar como Ruan está me ajudando, desde que viajaram.

— Acha que é uma boa ideia falar sobre a gestação?

— Eles vão gostar! Amam você, formiguinha. — Ele segura a minha mão. — Vá em frente e conte.

— Promete que vai se comportar? — pergunto, fitando-o.

— Ora, por quem me tomas? — Ele ri.

— Sua fama de estragar os eventos de família te persegue.

— Fique tranquila, vou segurar a língua. — Nos beijamos e a tensão se desfaz um pouco. — Vou me vestir e te levo no trabalho.

Enquanto o aguardo, outra preocupação me invade e tento não demonstrar durante o percurso até a editora, porque já tem drama demais nessa família para que Ruan se preocupe com mais esse. Não sei como Alberto e Edna vão reagir à notícia de que estou namorando o filho mais velho deles. Ruan dirige calado demais e isso me deixa um pouco inquieta, não gosto de vê-lo assim.

— Vai ficar bem? — pergunto, afagando seu rosto, quando estou prestes a descer do carro.

— Vou sim, pequena — diz, colocando sua mão sobre a minha.

— Se cuida, viu?!

— Você também, querida. — Ruan me beija delicadamente.

A reunião foi ótima, acertamos alguns detalhes para o meu próximo trabalho, mas ainda estou inquieta por conta do encontro com os pais de Rodrigo. O que eles vão pensar de mim? Ligo para Lena e ela vem me

encontrar em um café, próximo de onde estou.

— Amiga, acho que você está se precipitando — dispara, depois que lhe conto minhas preocupações. — É claro que vão ficar contentes, eles querem que você seja feliz e nada melhor que com o filho deles. Vai estar tudo em família.

Rimos juntas.

— Ah, não sei se foi certo ter aceitado namorar o Ruan. — Suspiro, pensativa.

— Claro que foi uma ótima ideia aceitar. O cara é lindo, te ama, o mundo dele gira em torno do seu, beija bem e fode melhor ainda. O que tem de errado nisso? — Lena parece inconformada com a minha indecisão ao enumerar as qualidades do meu namorado.

— Mas, e se for só algo passageiro? — indago. — Gosto dele. Ok. Não é amor, sabe? Ruan me faz feliz, mas é estranho estar em uma relação com o irmão do meu falecido marido.

— Já vai começar com isso de novo? — Ela revira os olhos. — Escuta aqui, se dispensar esse homem, eu pego para mim e não devolvo nunca mais, entendeu? E conta essa história de “só gosto” dele para outra pessoa, te conheço e *tá* de quatro por ele, em todos os sentidos da palavra. Se é que me entende.

— Lenaaa! De que lado você está?

— Do lado vencedor, no caso, o do Ruan. Quanto aos pais dele, eles vão adorar saber que você continuará sendo nora, olha que maravilha! — Seu tom agora tem o objetivo de me tranquilizar. — *Tá* igual peru, morrendo na véspera.

Me sinto um pouquinho mais segura, talvez Lena tenha razão e eu esteja exagerando.



A quarta chegou mais cedo do que esperava e cá estou com Ruan, a caminho do restaurante, para encontrarmos seus pais. Noto que ele está um pouco tenso, conversamos sobre minhas preocupações, já que eu não consegui esconder por muito tempo. Decidimos que não vamos contar ainda

que estamos namorando.

Enquanto andamos de mãos dadas pelo caminho arborizado até o restaurante, lembro-me de uma coisa que vem martelando em minha cabeça, desde o pedido de namoro, dias atrás, acho que esse é um bom momento para deixá-lo mais leve, antes de enfrentar seus pais.

— Ruan, preciso te perguntar uma coisa — digo, hesitante.

— O que foi? — Ele me encara, um tanto confuso.

— É só uma coisa boba. — Levo a mão ao rosto.

— Nada que venha de você é bobo. Pode me perguntar o que quiser — diz, encarando-me.

— O que esse bebê que carrego representa para você? — Ele fica sem palavras, passa as mãos pelos cabelos, em um gesto nervoso.

— Sei que biologicamente sou tio do seu filho. — Ruan não me encara, enquanto fala. — Não quero tomar o lugar do meu irmão na vida dele, sei que meus pais jamais concordariam com isso, mas se a mãe dele é minha namorada e não pretendo deixá-la tão cedo, esse bebê se tornou uma parte de mim também.

Ele exhibe um sorriso bonito, que enche meu coração com algo que pensei que não fosse capaz de sentir novamente. Estamos próximos à entrada do restaurante, levo sua mão até a minha barriga — que hoje está um pouquinho saliente — em uma atitude inesperada.

— Você também é o pai dele, não importa o que aconteça, quero que participe da vida do bebê e ensine a ele coisas que só os pais sabem — digo baixinho, com a voz emocionada.

— Obrigado! — Ele leva minha mão aos seus lábios e beija os dedos carinhosamente.

— Eu que agradeço por tudo que está fazendo por nós.

Tenho vontade de beijá-lo, mas estamos em um local público e prestes a encontrar os seus pais, então me limito a um carinho em seu rosto.

A hostess nos leva até o andar de cima do restaurante elegante e, para a nossa surpresa, seus pais já nos aguardam na mesa, achamos que estávamos adiantados, dona Edna exhibe um sorriso assim que nos vê, enquanto Alberto se limita a um aceno ao ver o filho ao meu lado.

— Ah, como você está linda, Carol! — A senhora de rosto amável me abraça calorosamente.

— Obrigada, mas são seus olhos, dona Edna. Como foi a viagem?

— Foi maravilhosa, estou renovada. — Ela se vira para o filho e o abraça forte. — Oi, meu amor, senti saudade. Você está tão magrinho, tem comido direito?

— Senti sua falta também, mamãe. Já não tinha me feito essa pergunta ontem, no aeroporto?

— Filhos não crescem nunca, querida! — diz, me fitando, enquanto afaga o rosto de Ruan.

— Não mesmo — seu Alberto diz, um tanto seco, só então levantando-se para me cumprimentar, mudando o tom de voz. — Tudo bem, Carol?

— Estou ótima, obrigada!

— E você, rapaz, não fala com o seu pai? — Estende a mão para o filho, que o aperta, sem muito entusiasmo.

— Olá, pai... — Não há nenhuma empolgação em sua voz.

— Vamos nos sentar, meus amores. — Dona Edna tenta desfazer o clima ruim. — Temos muito o que conversar, já fizemos o pedido, vamos aproveitar um pouco para matar saudade.

Nos organizamos à mesa, de modo que os dois casais fiquem frente a frente, há uma tensão no ar e procuro pela mão de Ruan por baixo da mesa, para tentar acalmá-lo.

— Querida, estou louca para saber se fez a nova tentativa de inseminação. — A senhora me encara, curiosa. — Deu certo?

Hesito por um momento e sinto todos os olhares da mesa sobre mim, respiro fundo e começo a falar:

— Estou grávida — digo, de uma vez. — Quinze semanas.

— Que notícia maravilhosa! — Edna exclama, emocionada. — Por isso está assim, irradiando beleza e felicidade.

— Obrigada!

— Parabéns, Carol! — Alberto diz, com um sorriso no rosto pela primeira vez desde que chegamos. — Faz pouco tempo que descobriu?

Fico sem jeito para responder a pergunta e Ruan percebe.

— Na verdade, não, pai. Cá descobriu há quase dois meses, mas teve medo de acontecer alguma coisa e não se sentiu pronta para contar a vocês. — Não me passa despercebido o olhar de desprezo do velho senhor para o filho.

— Isso, com certeza, foi ideia sua, não é? — ele o acusa, sem nenhuma razão.

— Foi minha — me intrometo, tentando evitar qualquer discussão.

— Não o defenda, sei que meu filho não é boa influência para ninguém.
— O tom é duro e sinto um calafrio. Como pode falar assim do próprio filho?

O corpo de Ruan fica imóvel ao meu lado, sua mão aperta a ponta da mesa com uma força descabida e sua respiração está pesada.

— Pare com isso, Alberto! — dona Edna intervém. — É um momento feliz, precisamos comemorar, vamos deixar nossas diferenças de lado. Como está se sentindo, querida?

— Feliz, embora ainda não consiga acreditar que é real. — Sou sincera.

— Como está sua alimentação? Precisa se cuidar, agora que está esperando um bebê e parar de se entupir de doces — Ela ri e Ruan também.

— Talvez, a senhora falando, ela escute — Ruan aproveita a deixa. — Essa mulher está impossível, desde que descobriu essa gravidez. Juro que estou tentando mantê-la na linha, mas tá difícil.

Noto seu pai o analisar, mas não diz nada.

— Não sei como você tem esse corpo, garota — a senhora diz, divertida. — Não sei como cabe tanta comida aí. Teve algum desejo?

— Ainda não — me apresso em dizer.

— Em compensação, está comendo praticamente uma torta de chocolate belga por dia, quase nem sobra para vender — exagera, de propósito.

— Que mentira, Ruan! — Dou um tapinha em seu ombro.

— Você é uma formiguinha e sabe disso. — Ele aperta meu nariz e sorrimos, cúmplices.

— Sou nada, estou grávida, é diferente.

— Não escute sua mãe, bebê — ele sussurra, encarando minha barriga inexistente. — Ela usa você como desculpa para tudo nesta vida.

Quando me viro para frente, percebo que o casal nos encara, boquiabertos. Há uma expressão incrédula no rosto do homem, já a mulher, me olha com ternura.

— O que está acontecendo aqui? — Alberto usa um tom autoritário, dirigindo-se diretamente ao filho e ameaça levantar da mesa.

— Eu posso explicar. — Seguro o braço de Ruan, tentando acalmá-lo.

— Perguntei ao meu filho, acredito que seja homem o suficiente para me responder — diz, bruscamente.

— Não admito que fale com ela assim — meu namorado diz, entredentes.

— Tá desviando do assunto. Anda, seu moleque, me conta o que fez durante o tempo em que estivemos fora?

Sinto as lágrimas se empossarem em meu rosto e uma dor comprimir meu peito.

— Deixe de bobagem, Alberto. — Dona Edna tenta acalmar os ânimos.

— Não fizemos nada de errado — Ruan diz, um pouco alterado. — Meu irmão está morto e ela é uma mulher livre, para fazer a escolha que quiser.

Alberto o segura pelo colarinho da camisa por cima da mesa, chamando a atenção das pessoas.

— Devia ter te dado uma lição, quando tive a oportunidade — ele cospe as palavras com tanta raiva, que começo a tremer e chorar. — Você é um merda que sempre estraga tudo, ela era esposa do seu irmão. Como pode macular a memória dele?

— Disse certo... era — o rapaz desafia o pai. — Não fiz nada de errado.

— Tudo que você faz na vida é me passar vergonha. — Ele o sacode, sem soltá-lo. — Sempre teve inveja do seu irmão. Sempre quis ser ele!

— Alberto... — A voz de sua esposa soa como uma súplica.

— Por favor, pare — Me levanto, com as pernas bambas. — Pare de culpar Ruan por todos os problemas de sua vida. Sim, estamos namorando e não há nada de mal nisso.

— Não acredito que você foi capaz de fazer isso com o seu marido. — Agora todos nos olham, curiosos. — Quem garante que não estavam juntos antes de Rodrigo morrer? Quem garante que esse bebê que está esperando é mesmo do seu marido?

Sinto meu estômago revirar, não contenho as lágrimas, minha respiração está acelerada e há uma dor aguda em meu peito.

— Cale a boca, Alberto! — Dona Edna consegue fazê-lo encará-la e soltar Ruan. — Eles não fariam isso, deixe que sejam felizes. Todos merecemos uma chance para seguir em frente.

— Isso é balela, olhe para esses dois, estão se divertindo com essa situação — esbraveja e não aguento mais ouvi-lo.

— Eu sofri a morte do meu marido por mais de um ano e é isso que o senhor tem a me dizer? Que não passo de uma mentirosa? — Uso um tom alterado demais, que se mistura às lágrimas e Ruan segura minha cintura, tentando me fazer recuar. — Agradeça aos céus que nenhum dos seus filhos seja como você, pensei que fosse diferente, mas vejo que me enganei.

Pego minha bolsa e saio em disparada, procurando a saída, esbarro em algumas pessoas, avanço de uma vez sobre a escada e piso em falso, em um segundo estou rolando pelos degraus, sentindo meu mundo desabar, mais uma vez.



Capítulo 9

RUAN

A cena de Carol caindo daquela maldita escada fica se repetindo em minha cabeça, como um flashback terrível. Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida, vê-la desfalecida no chão fez com que uma descarga de adrenalina se apossasse de mim, era a minha mulher ali.

Gritei, esbravejei ao ver que os espectadores não faziam absolutamente nada e entrei em desespero, ao notar o líquido quente e pegajoso manchando sua roupa.

— O bebê, Ruan — ela diz, com a voz fraca, quando a pego nos braços.

— Vai ficar tudo bem, formiguinha — sussurro, beijando seu rosto, quando a coloco no carro. — Estamos indo ao hospital.

— Está doendo... — Sua mão pressiona a própria barriga.

Mamãe senta ao seu lado, a abraçando protetoramente.

— Deus, não permita que nada de ruim aconteça com minha nora — minha mãe suplica, afagando os cabelos de Carol. — Tenha fé, querida.

Nem sei como consegui dirigir tão rápido até o hospital, sinto um calafrio desesperador percorrer meu corpo. Não posso perdê-la!

— Alguém me ajuda! — grito, ao entrar na recepção do pronto-socorro — Minha namorada caiu da escada, ela está sangrando. Também está...

grávida. — A voz falha.

A essa altura as lágrimas escorrem pelo meu rosto e as pessoas me cercam, tentando me ajudar, de algum modo. Uma moça de jaleco branco me traz uma cadeira de rodas, onde coloco a mulher que está pálida e com os olhos fechados.

— Está doendo... — ela balbucia.

Mamãe e meu pai ficam fazendo o cadastro dela na recepção, enquanto entramos para uma sala de observação, onde a coloco em uma maca com a ajuda de uma enfermeira, logo o médico surge com uma prancheta, fazendo o exame clínico.

— Não consigo ouvir o bebê — o médico diz, após várias tentativas com um aparelho portátil, sinto meu peito comprimir. — Vamos fazer uma ultrassom. Cláudia, leve-a para a sala de ultrassom.

A mulher rechonchuda de estatura mediana pega uma cadeira de rodas e coloco Carol nela novamente, com muito cuidado.

— Ruan, está doendo muito — ela choraminga, e afago seus cabelos.

— Estou aqui querida! — Viro-me para a enfermeira, que começa a empurrar a cadeira. — É muito longe?

— Não, quarta porta à esquerda, no corredor. — Ela aponta, assim que saímos da sala de observação.

Vejo minha namorada enxugar as lágrimas quando o médico entra, ficamos todos em silêncio, enquanto ele faz o exame e me limito a segurar a mão da mulher que amo. Então, ele verbaliza a notícia que está entre as piores que já ouvi.

— Infelizmente, não há nenhum batimento cardíaco. Ela está sofrendo um aborto... — diz, em um tom inexpressivo, e Carol se encolhe na maca.

— Por favor, me diga que consegue parar isso? — o interrompo.

— Desculpe, mas é inevitável! Precisamos fazer uma curetagem. — Coloco as duas mãos na cabeça, em desespero, ao compreender suas palavras. — Vamos prepará-la para o procedimento, não deve demorar e ela será sedada. Cláudia, avise o ginecologista de plantão e o senhor pode aguardar lá fora.

— Não posso deixá-la sozinha — afirmo, segurando a mão dela, que está em um silêncio desolador.

— Vamos cuidar bem da sua namorada, meu rapaz. — O homem

aperta meu ombro. — Não há nada que possa fazer agora. Sinto muito pela sua perda.

Me viro para a minha garota, que está em um estado catatônico, como se o mundo à sua volta não fosse nada além de um enorme borrão. Beijo seus cabelos e limpo as lágrimas em seu rosto.

— Vou estar bem ali, não tenha medo. — Minha voz está embargada, enquanto acaricio seu rosto. — Fica bem, meu amor.

Ela não me responde, seu olhar está perdido em algum ponto do teto e as lágrimas ainda escorrem pelo seu rosto. Dói tanto vê-la assim, me sinto tão incapaz. Caminho a passos lentos até a sala de espera, passo direto pelo meu pai e minha mãe e vou até a parte externa.

— Por que isso tinha que acontecer com ela? — grito, desesperado, chutando uma coluna próxima. — Logo agora que tudo estava bem.

Choro, encostado na parede, massageando o peito para tentar amenizar a *porra* da dor horrível que se instalou em meu coração. Sinto que a estou perdendo novamente e não posso fazer absolutamente nada para impedir. Mordo o punho fechado, esmurro a parede em um acesso de fúria.

Um toque reconfortante afaga as minhas costas.

— Sinto muito, querido. — A voz doce de minha mãe tem um efeito tranquilizante.

— Ela estava voltando a viver novamente, mamãe. — Ela me abraça e chora comigo. — Não fizemos nada de errado, eu a amo.

— Eu sei, meu amor, sempre soube — diz, segurando meu rosto e forçando-me a encará-la. — Não foi culpa sua.

Ficamos um tempo em silêncio, abraçados.

— Tem que ser forte, Carol precisa de você — sussurra, docemente.

— Estou tentando, mãe. Juro que estou. — Fungo e limpo o rosto com as costas das mãos.

— Vai conseguir, filho. — Consigo me acalmar e voltamos para a sala de espera.

Meu pai está sentado em um canto, de cabeça baixa, e se levanta, assim que nos ouve, pensei por um breve momento que ele iria se desculpar por suas palavras duras, mas não foi isso que aconteceu.

— Isso tudo é culpa sua. — Ele aponta o dedo no meu rosto.

— Alberto, já chega.

— Você sempre o protegeu de tudo. — Meu pai balança a cabeça, contrariado. — Ele nem é seu filho.

As palavras cravam uma faca em meu peito, sinto o ar faltar e minha mãe desfere um tapa em seu rosto.

— Nunca mais diga isso, nem de brincadeira. Está me ouvindo? — esbraveja, furiosa. — Ruan é meu filho, entendeu? Ninguém jamais pode dizer o contrário, nem mesmo você. Saia daqui, Alberto, se não pode ajudar, então volte para casa e fique lá.

Eles trocam um olhar magoado e me sinto culpado.

— Se é assim que você deseja, mas acredite vai se arrepender, por ficar do lado desse moleque mimado. — O homem não cansa de me agredir verbalmente.

— Não, a única pessoa que vai se arrepender aqui é você, e espero que não seja tarde demais para pedir perdão ao único filho que te restou no mundo. — Sinto tanto orgulho da mulher que escolhi como mãe. — Meu filho não fez nada de errado, tudo que ele fez foi amar aquela garota, apenas um cego como você não perceberia isso.

Meu pai vai embora, sem olhar para trás, e mamãe me abraça. Lembro-me de avisar Helena do ocorrido, ela é a única família que Carol tem, logo ela chega, desesperada por notícias, mas não há nada ainda. Damos as mãos e fazemos preces silenciosas, para que tudo se resolva da melhor forma e esperamos, pelo que parece ser uma eternidade.

— Família de Carol Koch — uma moça vestida em um jaleco verde chama, em um tom sereno.

Nos levantamos, todos juntos, caminhando até ela, ansiosos por notícias, somos informados de que correu tudo bem e poderemos vê-la, assim que a colocarem no quarto, o que não demora muito tempo.

Entro primeiro e meu coração se parte em mil pedaços ao vê-la tão fragilizada quanto a um bichinho acuado. Engulo o nó que se forma em minha garganta e me aproximo, devagar.

— Cá, você *tá* bem? — Ela não me encara, apenas dá um aceno leve com a cabeça.

Seguro sua mão, que está com acesso venoso, acariciando com o polegar, seus olhos estão inchados e gostaria muito de arrancar sua dor, de algum modo. A abraço delicadamente e choramos juntos a nossa perda, digo

nossa, porque, por um breve tempo, eu fui o pai do seu bebê e senti muito orgulho de tudo que estávamos construindo.

— Me perdoe pelo que aconteceu. — Me afasto dela, segurando seu queixo. — Foi muito infantil da minha parte tentar confrontar o meu pai.

Ela coloca sua mão sobre a minha e, pela primeira vez desde que tudo aconteceu, ela me encara.

— Não foi culpa sua. — A voz falha e está carregada de dor e culpa também.

— Nem sua, formiguinha. — Deposito um beijo sua testa. — Preciso ir, minha mãe e Helena estão lá fora e querem vê-la.

— Ele era tudo que me importava — ela diz, um pouco antes de eu me levantar.

— Eu sei, minha linda, mas você vai ficar bem. Nós vamos ficar bem. — É uma promessa.

Saio e Helena entra, encosto-me à parede próxima à porta, fazendo o possível para não surtar outra vez. Tento me concentrar em outra coisa e a voz fraca da minha namorada conversando com sua melhor amiga me invade.

— É como se tivessem arrancado meu coração do peito, a única coisa que tinha de Rodrigo também foi tirada de mim, de modo brutal. — Ela funga, enquanto fala.

— Você não pode falar, a enfermeira disse que precisa repousar. — Helena tenta dissuadi-la da ideia de reviver toda a dor novamente.

— A dor de perder alguém que você ama, mesmo sem conhecer, é dilacerante, Lena. Se eu tivesse escutado meus instintos. Se eu não tivesse ido àquele maldito jantar. Se eu tivesse prestado atenção na droga da escada...

Estou me sentindo igualmente culpado e não consigo evitar as lágrimas, sento-me no chão, apoiando os braços nos joelhos flexionados.

— Pare de se culpar, Cá. — Ouço a cama ranger, talvez elas tenham se abraçado. — Você é mais forte do que imagina!

Com certeza é, Carol já passou por tanta coisa e conseguiu se manter viva. Ela ficou órfã na adolescência, a morte de seus pais a devastou. Depois foi morar com uma tia e passou por tantas humilhações, que nem sou capaz de verbalizar e, ainda assim, conseguiu seguir em frente, ser uma pessoa melhor que aquelas que a magoaram.

— Não sou, Lena. — A escuto fungar. — Esse bebê era tudo que eu

tinha...

— Cá, não fique assim, querida. — A outra mulher procura palavras para confortar sua amiga. — Pense que agora lá no céu tem Rodrigo e esse anjinho, olhando por você.

Há um longo momento de um silêncio devastador entre elas.

— Eu perdi o amor da minha vida e agora isso?! — Sinto um aperto no peito, eu queria tanto que ela me amasse, nem que fosse um pouquinho.

— Tudo vai ficar bem, você vai ver. — São as últimas palavras de conforto que Helena fala, antes de se despedir.

Sou dominado por um medo de que Carol nunca se recupere de todas as suas feridas, eu só queria curar cada uma delas. Encosto a cabeça no antebraço e um soluço ecoa pela minha garganta. Alguém senta ao meu lado e afaga minhas costas.

— Tudo isso vai passar, Ruan — Helena diz, convicta.

— Eu só queria a *porra* de uma chance para fazê-la feliz — choramingo.

— Você está tendo essa chance, ela ama você. Só não entendeu isso, ainda, minha amiga às vezes se prende muito ao passado e acaba se esquecendo de enxergar as coisas mais óbvias. — Ela ri, sem humor.

— Eu não quero tomar o lugar do meu irmão, só quero ter o meu próprio espaço em seu coração. — Massageio meu peito. — Se eu pudesse, arrancaria a dor que ela está sentindo agora, mas me sinto tão impotente.

— Acredite, você tem seu próprio espaço no coração dela. É só uma questão de tempo para que a Cá perceba. — Helena pousa a mão em meu braço. — Só tenha um pouquinho de paciência com ela, ok?

Aceno, sem conseguir falar. Já esperei por tanto tempo, sem ter esperança alguma, que não me custa esperar um pouco mais, sabendo que ela vai voltar para mim, assim que sua dor diminuir.



Capítulo 10

CAROL

“O que eu fiz de errado?” Essa é a pergunta que vem martelando na minha cabeça desde que recebi alta. “Por que comigo?”

Fomos informados de que havia uma má formação no feto e que eu fazia parte de uma estatística de 25% de mulheres na faixa dos trinta anos que a gravidez não havia “vingado”, a queda junto à descarga de emoções só desencadeou o que era inevitável.

“Nesses casos, a própria natureza se encarrega de fazer o seu curso.” Foram as palavras do meu ginecologista ao fim da nossa conversa, quando eu queria, a todo custo, achar um culpado pelo meu infortúnio. Segundo ele, eu devia parar de me culpar por ter descido aquelas escadas rapidamente ou por ter tido um fim de semana tão intenso com o meu namorado.

Fiz todos os exames novamente e não havia nada de errado comigo, tudo estava normal. Só que eu não me conformava com o fato de ter perdido meu bebê, eu queria gritar, brigar e descontar toda a frustração que eu estava sentindo em alguém. Estava decepcionada com o meu sogro pelo seu comportamento com Ruan e, por falar nele, não conseguia encará-lo.

Meu namorado não saiu de perto de mim durante a última semana, fez questão de me levar para a casa do sítio, com a certeza de que lá eu me

recuperaria mais rápido. Dona Edna, Lena e ele se revezavam nos cuidados comigo.

“Você precisa repousar durante essa primeira semana, evitar fazer esforço físico. Vai sentir dor abdominal, mas vou receitar uma medicação. Um mês e estará novinha em folha e, muito em breve, poderá tentar uma nova gestação.” O doutor me disse, com um sorriso encorajador no rosto, mas tudo que eu tinha era medo de nunca mais conseguir ser mãe.

Minha relação com Ruan estava estagnada, como se tivesse um enorme abismo entre nós. O seu cuidado comigo fazia com que eu me sentisse culpada por não saber lidar com essa maldita situação, ele estava sofrendo e, por mais que dissesse que estava tudo bem, sabia que estava se culpando, tanto quanto eu.

Enfrentamos essa fase do luto em silêncio, ele me abraça todas as noites antes de dormir e choramos juntos. Definitivamente, esse homem merece alguém melhor que eu, que possa retribuir tudo que é capaz de oferecer.

“Estou aqui para você.” Ele sussurra em meu ouvido quando acha que já estou adormecida. Os dias se arrastam lentamente e, apesar de todo o apoio que tenho tido de Lena, dona Edna e Ruan, sinto como se o progresso que fiz nos últimos meses não tivesse existido. Me fechei novamente em minha redoma de escuridão e dor, o que não é nenhum pouco justo.

Um mês se passou rapidamente e a dor não diminuí, pelo contrário, ela tem se tornado maior do que eu. Parei de me importar com as coisas ao meu redor, as olheiras estão profundas e me dão um aspecto fantasmagórico, perdi peso e nem as delícias que Ruan me traz da Degust’s são capazes de me animar. Quero morrer, não faz sentido viver em um mundo tão cruel comigo.

Estou sozinha, enquanto Ruan foi até a confeitaria resolver algumas pendências e vejo a oportunidade perfeita de colocar um plano que está surgindo em minha mente. Encho a banheira da suíte com água gelada, prendo a respiração e me enfio lá, sem tirar uma peça de roupa, mergulho, sem a intenção de voltar à superfície.

Aspiro um pouco de água e meu corpo reage, pedindo por ar, mas luto bravamente para me manter assim. Por mais que eu tente não respirar, o meu cérebro envia ordens ao meu corpo, para que o faça, mesmo embaixo da água, e quando o faço, o líquido entra pelo meu nariz, invadindo meus

pulmões e tenho a sensação de que estou sendo esmagada, então, sou puxada rapidamente por uma mão forte.

Começo a tossir incontrolavelmente, colocando toda a água que aspirei para fora.

— Carol, o que está fazendo? — O pânico na voz de Ruan faz com que eu me sinta culpada.

— Não quero viver... em um mundo que... só me tira coisas — sussurro, com os lábios trêmulos de frio.

Minhas roupas ensopadas vão sendo tiradas com rapidez e sou envolvida pelo roupão quente felpudo. As lágrimas caem sem controle, os soluços vêm descoordenados e sou dominada por uma onda de tristeza devastadora.

— Sinto muito que tenha perdido nosso bebê — ele diz, enquanto me carrega no colo até a cama e me abraça, tentando me manter aquecida.

— Ele não era seu filho — cuspo, chateada com o universo, e tento me afastar dele. — Você nem queria que eu fizesse isso.

Estou sendo injusta, mas só quero que ele se afaste e me deixe sofrer sozinha.

— Você sabe por que eu não queria que fizesse isso, eu temia que acabasse do jeito que está agora, Cá. — Ruan está magoado, mas suas palavras são cheias de carinho. — Mas, acredite, esse bebê se tornou muito importante para mim, afinal, ele era seu e do meu irmão. Não seja injusta comigo, o amei também.

Choro copiosamente e ele me abraça ainda mais apertado, não consigo dizer nada, nem ao menos pedir desculpas pelo que falei.

— Cá, eu amo você — ele sussurra, após um longo minuto em silêncio. — Sei que sua dor é enorme e, infelizmente não há nada que eu possa fazer para diminuí-la neste momento, mas, por favor, tente... tente viver, estou aqui com você, nesse emaranhado de nós que a nossa vida está enrolada. Deixar você, está fora de cogitação.

— Não precisa ficar — digo, tentando poupá-lo desse sofrimento.

Ruan se afasta e segura meus ombros, forçando-me a fitá-lo.

— Preciso, sim! Sabe por quê? Porque eu jamais me perdoaria se a abandonasse em um momento tão delicado. — Em seus olhos vejo tantas coisas, há dor, medo e culpa. — Acha que é assim que seus problemas vão

findar?

Sinto um enorme arrependimento pelas minhas atitudes e palavras ditas sem pensar.

— Me desculpe por isso — falo, encarando as mãos. — Você merece alguém melhor, Ruan.

— Eu mereço você, Cá!

— Mas minha vida não vale mais a pena, não consigo evitar que as coisas ruins aconteçam comigo. — Limpo a lágrima em meu rosto com as costas da mão.

— Sua vida vale a pena, faça isso por você mesma. Lute! — diz, com muita certeza e uma pontada de tristeza. — Eu sei que não vai esquecer o meu irmão, nem esse bebê e, juro, que se preciso for, fico apenas no papel de amigo... Pare de se culpar por coisas que estão além do seu alcance.

— Acho que é tarde demais — sussurro, desolada demais.

— Nunca será tarde para recomeçar a sua vida. — Ele é enfático. — É um filho de Rodrigo que você quer? Vá em frente, ainda existe uma chance, lute por isso, mas, por favor, não fique remoendo o passado e nem se entregue novamente à escuridão, caso não dê certo. Vou estar aqui, do seu lado, para te apoiar em suas decisões.

— Não sei se consigo seguir em frente. — Fungo e Ruan desliza os dedos pela minha bochecha.

— Claro que consegue! É a pessoa mais forte que já conheci. Só basta querer, Cá.

Ficamos ali, quietos, enquanto reflito sobre o que tentei fazer e tomo uma decisão, vou voltar à terapia e me esforçar para superar tudo isso, outra vez. Ruan beija o topo da minha cabeça.

— Quero que me prometa que nunca mais vai tentar fazer isso — ele suplica, fazendo-me encará-lo. — Não posso perder você, Carol!

Há tanta sinceridade em sua voz e sinto algo diferente emergir da dor que venho sentindo todos esses dias. Penso em tudo que ele fez por mim, em seu desespero antes de chegarmos ao hospital aquela noite, em como enfrentou seu pai e, principalmente, no fato de ele não ter me deixado sozinha, por tempo suficiente, para que eu cometesse uma loucura.

Ruan sempre esteve aqui, por mim, embora tenha sido injusta com ele em várias situações e amá-lo não era nada difícil.

— Eu prometo — respondo, por fim, sendo invadida por uma sensação de paz indescritível. — Menti quando falei que você não precisava ficar, só queria poupá-lo de me ver sofrendo, então, por favor, fique e me ajude a colar as partes despedaçadas do meu coração.

Sua resposta é um beijo cheio de ternura, neste exato momento tenho certeza de que o amo e que vamos conseguir ficar bem.



Dois meses se passaram desde que atentei contra minha própria vida, Ruan não contou o nosso segredo a ninguém e voltei à terapia, mas nada disso impediu que hoje fosse um dia triste para mim, talvez por isso eu o tenha escolhido para fazer a terceira e última tentativa de inseminação. É o aniversário da morte do meu marido.

Sinto sua falta, apesar de tudo, as lágrimas ameaçam cair, quando a campainha me desperta para o mundo real.

— Está pronta? — Lena diz, assim que abro a porta e me puxa para um abraço apertado.

— Acho que sim. — Faço uma careta quando nos afastamos.

— Que desânimo, nem parece aquela minha amiga que tinha argumentos infalíveis para me convencer de que isso era a coisa certa a se fazer. — Ela toca meu rosto.

— É que agora parece meio... errado — Aperto os dedos, evitando encará-la. — Estou com Ruan e vou ter um filho de outro homem.

— Preciso concordar com você, amiga. — Ela segura as minhas mãos. — O que acha de seguir o seu coração, hein?

— Parece um bom conselho. — Analiso por um momento. — Preciso tentar uma última vez, Lena. Você ainda vai me acompanhar?

— Claro que sim! Amigos são para isso — diz, ao me abraçar.

Chegamos à clínica um pouco antes da hora marcada e minha amiga fica ao meu lado, em silêncio, enquanto travo uma luta interna sobre fazer o ou não essa última tentativa e ter uma parte de Rodrigo comigo. A atendente chama pelo meu nome e Lena me deseja sorte, um pouco antes de entrar no consultório.

Sentada em uma posição desconfortável, aguardando que o médico faça o procedimento, tomo minha decisão.

— Pare! — exclamo.

— O que disse? — indaga, confuso.

— Desculpe ter tomado o seu tempo, mas eu não vou mais fazer a inseminação.

Saio da sala, apressada, talvez eu tenha gastado mais do que deveria com esse capricho.

— Aconteceu alguma coisa? — Lena vem ao meu encontro, preocupada.

— Vamos embora. — Estou decidida, ainda preciso fazer algo. — Me deixe no cemitério.

— Tem certeza? — Ela me analisa.

— Sim, não se preocupe.

Sozinha, na entrada deste lugar sombrio, caminho a passos lentos e, pela primeira vez, não me sinto devastada ao visitar o túmulo de meu marido. Sou invadida por uma onda de saudade, assim que paro diante da lápide de mármore, deslizo os dedos pela inscrição na placa de metal.

Sento-me, segurando uma lembrança que encontrei perdida no meu guarda-roupa esta semana, um nó antigo feito com duas cordas de cores diferentes. Foi um presente de Rodrigo, assim que começamos a sair e ele sempre dizia que seríamos como aquele nó, sempre forte e que nada nos separaria, mas então a vida nos pregou uma peça e o tirou, antes que pudéssemos concretizar nossos sonhos.

As lágrimas caem de modo involuntário.

“Cada nó tem um significado diferente do outro, amor, caso contrário, não haveria necessidade de serem criados tantos deles. Precisamos dos mais diversos nós nas fases que enfrentamos, é nesse momento que precisamos nos reinventar.”

Finalmente entendi que é hora de deixar algumas coisas para trás.

— Oi, amor, precisava falar com você. Espero que consiga me ouvir onde quer que esteja — começo, baixinho. — Passei por muita coisa nestes anos sem você, fiz algumas coisas das quais me arrependo e outras que me orgulho, mas agora juro que estou bem. Decidi, por todos os momentos felizes que vivemos, deixar que descanse em paz, finalmente, prometo parar

de ficar tentando reviver o passado que tivemos juntos — confidencio minha decisão, limpando as lágrimas. — Sei que você não vai mais voltar para mim. As coisas acontecem como tem que acontecer e, por mais que eu tenha demorado a aceitar, não era o nosso destino ter um filho juntos, mas não estou infeliz com isso. Preciso contar sobre seu irmão...

Sinto uma brisa leve tocar meu rosto, quase como um beijo invisível.

— Você sempre esteve certo sobre ele ser um ser humano incrível, estou apaixonada por ele, Rodrigo! É estranho, eu sei, e no começo tentei negar, a todo custo. — Exibo um sorriso em meio às lágrimas. — Nunca vou esquecer a nossa história, mas chegou o momento de virar a página e recomeçar, você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, mas preciso aceitar que não vai mais voltar. Obrigada por tudo que me ensinou e por me fazer feliz, quando achei que não era digna disso. Adeus!

Me despeço, com o coração tranquilo, fecho os olhos e, por um momento, sinto como se estivesse sendo abraçada por Rodrigo, seu cheiro entra vívido pelos meus pulmões e sei que estou pronta para seguir adiante.

Ligo para uma pessoa que devo algumas explicações e tenho evitado nas últimas semanas. Nos encontramos na frente de um café, no centro da cidade.

— Minha querida, fiquei tão feliz com a sua ligação. — Dona Edna me abraça, apertado.

— Achei que poderíamos conversar um pouco — falo, assim que nos afastamos e entramos no local.

Um garçom nos indica uma mesa, fazemos o pedido e voltamos a conversar.

— Precisava me distrair, hoje acordei com o meu coração pesado demais — ela confidencia. — Acho que essa dor vai continuar viva por muito tempo.

— Dói tanto, não é mesmo? — Seguro sua mão por cima da mesa.

— Sim, mas temos que seguir em frente. — Seus olhos estão marejados. — Meu filho não gostaria que fôssemos infelizes por sua culpa.

— Sei que não.

Noto que Dona Edna está procurando as palavras certas para me falar alguma coisa.

— Querida, preciso me desculpar pela atitude do meu marido com

você. Alberto está arrependido, mas é muito bobo para admitir isso. — Seu olhar doce encontra o meu.

— Não precisa se desculpar. — Sou sincera.

Conto a ela sobre a minha ida ao médico, a decisão de não fazer o procedimento e sobre a minha visita ao túmulo de meu marido, sua reação é de compreensão.

— Foi uma decisão sensata, querida! Precisamos deixar que Rodrigo descanse em paz, sua lembrança nunca será esquecida por nós. — Seu tom é cheio de emoção.

— Com certeza, nunca vamos esquecê-lo.

— Tenho que te pedir desculpas por isso também, por insistir com a ideia da gravidez, não tinha esse direito. — A mulher exhibe um olhar cheio de culpa. — Agora entendo a reação de Ruan, meu filho sabia que isso te faria mal.

— Eu quis também, dona Edna. Não se culpe, acho que não existem culpados nessa história. A vida é a grande vilã aqui — declaro, apertando suas mãos. — Obrigada por me apoiar, sempre!

— Desejo, do fundo do meu coração, que seja feliz com Ruan, ele a ama — diz, com orgulho. — Ele é um bom rapaz, não acredite em nada que Alberto tenha dito. Meu filho é um ser humano incrível e tenho muito orgulho de que ele tenha me escolhido como mãe.

— Eu o amo — confidencia e ela sorri.

— Sei que sim — assente. — Vão formar uma linda família, algum dia, e espero que seja em breve.

Rimos, jogamos conversa fora e me sinto leve, finalmente livre dos nós do passado, pronta para me atar a outro nó e ser feliz novamente.



Capítulo 11

CAROL

Não contei a Ruan sobre minha decisão, ainda não me sinto pronta para admitir que ele estava certo, desde o início, e que eu estava fazendo tudo isso pelos motivos errados. Então, meu namorado acha que fiz novamente o procedimento, mesmo que não tenhamos conversado sobre isso. Ruan faz poucas perguntas, talvez por medo de me machucar ou desencadear alguma crise em mim. Me pego observando-o, enquanto dorme, por muitas noites, admiro seu caráter cada vez mais e acho incrível a capacidade dele de se doar às pessoas que ama.

Nossa vida, aos poucos, está voltando ao normal, nas semanas que sucederam à minha decisão, me entrego sem reservas à nossa relação. Temos dias cheios de trabalho e noites quentes, regadas a muito sexo e romantismo.

— Formiguinha, você *tá* diferente! — ele diz, ao acordar, quando me pega comendo uma enorme fatia de torta de morango na cozinha do meu apartamento. — Seu corpo está mais volumoso, essa bunda está uma delícia e olha só esses seios, parece até que... Você está grávida outra vez. Esquecemos de comprar o teste, quanto tempo tem que foi ao médico?

— Acho que uns dois ou três meses — digo, encabulada —, mas não acho que esteja grávida.

Levo a mão à barriga instintivamente e arqueio a sobrancelha. Será?

— Tenho certeza de que está, deixe-me ver sua barriga. — Ele se abaixa, subindo a minha blusa e toca meu ventre. — Tem alguém aí?

— Para de ser bobo, Ruan. Não estou grávida.

— Você não sabe. — Levanta e aperta o meu nariz. — Desta vez, nós vamos tomar todo cuidado do mundo.

Ele me abraça por trás, pousando as mãos sobre as minhas, que estão na minha barriga, e beija meu pescoço.

— Como você pôde se esquecer de fazer o teste?

— Ah... — Procuro por uma desculpa. — Não queria ficar ansiosa.

— Tem razão, isso não seria bom para o bebê — concorda ele, virando-me para si e rindo. — Se for possível, te coloco em uma torre alta e me transformo em seu vassalo.

— Que bobagem! — Sorrimos juntos e trocamos um beijo carinhoso. — E se eu estiver grávida, como vai ser?

— Vai começar com isso de novo? — Ele beija a pontinha do meu nariz. — Já sabe que esse bebê vai ser muito bem tratado, que ser biologicamente tio dele não me impede de exercer a paternidade.

Contenho o riso e o beijo, apaixonada, a possibilidade de estar grávida me enche de felicidade. Parece que finalmente vou ter a chance de ser feliz novamente, sou tomada por uma euforia repentina.

— O que acha de irmos ao laboratório agora mesmo, sem testes de farmácia para nos confundir. — Ele gargalha quando falo a última frase.

Saímos em seguida, alguns minutos e nós estamos novamente esperando pelo resultado, mas agora tenho uma sensação diferente. Aliso minha barriga, mesmo sem ter certeza alguma e Ruan faz o mesmo, enquanto me olha, cheio de amor.

— E se eu não estiver grávida? — questiono, lembrando-me da primeira vez que estivemos aqui.

— Tentamos novamente, mas do modo convencional. — Ele segura a minha mão e sorri. — Estamos ficando bom nisso, treinamos bastante.

Encosto a cabeça em seu ombro e fecho os olhos, tentando relaxar.

— Carol Koch — A moça chama e nós dois levantamos, juntos.

Seguro o envelope nas mãos, um pouco tensa.

— Quer que eu abra para você? — ele pergunta.

— Sim — digo, nervosa.

Ruan abre o envelope e fico sondando a expressão do seu rosto, então, um sorriso largo se abre e ele me toma em seus braços.

— Você está grávida! — exclama, distribuindo beijos pelo meu rosto. — Deu positivo, formiguinha!

Meu coração infla no peito, voltamos para casa com meu namorado fazendo mil planos para o futuro do bebê, que acredita não ser seu.

— Vamos arrumar o quarto ao lado da suíte — diz, empolgado, referindo-se à casa do sítio. — Você vem morar comigo, não vou te deixar sozinha.

— A gente já mora juntos, Ruan — afirmo, sorrindo. — Você não sai do meu apartamento.

— Ok. Só que agora é oficial, nós vamos morar juntos oficialmente. — Seu entusiasmo o deixa agitado. — Está feliz?

— Claro, que sim!

Chegamos ao meu apartamento e não consigo mais guardar segredo.

— Precisamos conversar — digo, um pouco nervosa, e ele me olha, assustado. — Sente aqui, temos que falar sobre a paternidade do bebê que estou carregando.

— Ah, Cá, eu sei que nunca vou substituir meu irmão, mas a minha promessa de antes ainda está valendo, viu?! — Ele aperta meu queixo e sorri, nervoso, talvez com medo da minha reação. — Eu sei que precisa de algo do meu irmão e não quero tirar nada disso de você.

— Ruan, este filho é teu! — disparo e ele arregala os olhos.

— O que disse? — pergunta, incrédulo, levantando do sofá e caminhando nervosamente pela sala.

— Não fiz inseminação e, caso não tenha notado, estamos fazendo sexo selvagem sem camisinha há algum tempo. — Mordo o lábio, com medo da reação dele.

Sei que foi muito errado não contar que havia desistido, mas se tivesse contado, teria que mencionar que devia ter seguido o seu conselho desde o início e esse orgulho bobo me impedia de fazer isso.

— Por que não me contou? — diz, estreitando os olhos em minha direção e me levanto.

Ruan tenta assimilar essa nova informação, meu coração dispara, cheio

de medo, tenho consciência do meu erro, devia ter contato sobre minha decisão de desistir da inseminação, mas não tive coragem, por conta de um orgulho bobo. Caminho apreensiva até ele, buscando seu olhar, e o que encontro neles me faz suspirar, aliviada.

— Desculpe. — Toco seu braço levemente. — Não me sentia preparada, mas agora estou e carrego um filho teu aqui, Ruan. — Acaricio minha barriga, emocionada.

Ele me puxa para o seu corpo quente, em um abraço que me deixa segura de que fiz a escolha certa, aceitando tê-lo em minha vida. Nem em meus sonhos mais loucos imaginei que um dia estaria tão feliz ao lado de Ruan e que ele seria o pai do meu filho, agora tudo parece tão certo, é como se tudo que passamos, ao longo dos anos, estivesse nos preparado para estarmos juntos por inteiro neste momento.

Seus lábios se encostam aos meus, reivindicando-os com carinho e cada parte em mim reconhece o que deveria ter admitido há alguns meses: eu o amo. Sinto como se tivesse percorrido um longo caminho cheio de obstáculos, mas finalmente estivesse em casa novamente.

— Eu amo você, formiguinha — sussurra, se afastando em busca de ar. — Meu Deus, eu vou ser pai!

— O melhor do mundo! — afirmo, encostando a testa na dele.

— Como vamos fazer isso? — brinca, se lembrando da minha insegurança, meses antes.

Seu rosto está iluminado em uma felicidade quase palpável, é lindo vê-lo assim, emanando alegria por todos os lados.

— Você é perfeito e vamos aprender, juntos. — Emolduro seu rosto entre as mãos. — Antes que me esqueça, eu amo você, Ruan.

Os olhos dele brilham, sua boca se curva em um sorriso bonito, que faz meu coração disparar no peito, mas ele parece incrédulo com o que acaba de ouvir.

— Repete, porque acho que estou com problemas de audição — graceja, apertando minha cintura contra si.

— Amo... você... — As palavras são seguidas por pequenos beijos em seus lábios. — Amo... você.

— Sou o homem mais feliz deste mundo! — ele grita, me girando pela sala.

Nos beijamos, insaciáveis, em poucos minutos somos uma confusão de roupas espalhadas pela sala, bocas que se devoram, cheias de desejo, línguas que brigam para sentir o gosto um do outro, mãos que passeiam por cada pedaço de pele, espalhando fogo por onde passam.



RUAN

Encaro a tela do computador, extremamente cansado e ainda são dez da manhã, hoje é um daqueles dias em que tudo que queria era minha casa do sítio, uma cama e a mulher deliciosa que me aguarda lá. Ainda bem que as coisas caminham sozinhas quando não estou na confeitaria, porque, no último mês, estou cada vez mais ausente.

A reforma do quarto do bebê acabou semana passada, graças aos céus! Achei que íamos enlouquecer nessa fase, Carol me enviava o que ela chamava de “referências” de decoração para quartos infantis a cada hora e a memória do meu celular já estava pedindo uma folga. No início da gestação tivemos a fase da alimentação do bebê, esta semana estamos aprendendo como educá-lo — que ainda nem nasceu, ela passa o dia inteiro lendo blogs sobre os melhores métodos de criação infantil etc.

No fundo, eu acho que só vamos saber mesmo o jeito certo na prática, mas não adianta dizer isso a ela, que, inclusive, nos matriculou em um curso para novos pais — seja lá o que isso signifique — na próxima semana. Eu reclamo para cacete, não vou mentir, mas a minha parte favorita disso tudo é acompanhar de perto todas as mudanças que estão acontecendo com ela e nosso bebê, choro feito um pai babão cada vez que escuto o coraçãozinho forte bater, quando vamos às consultas médicas.

A gravidez a deixou mais sensível, Carol chora até com comercial de ração para cachorro, além de estar uma pilha de nervos e ter cismado que é a pessoa mais horrível da face da terra, o que não é verdade. Aos oito meses de gestação, minha mulher está mais linda do que nunca, preciso confessar que estou tentado a ter um filho por ano, só para vê-la assim, tão maravilhosa. Eu sei que é exagero e que a Cá ia me deixar maluco, caso acontecesse.

Analiso a planilha de despesas mensais e faço algumas anotações, ainda preciso dar uma passada na cozinha e ver como as coisas andam por lá. Olho a foto em cima da escrivaninha e sinto meu coração preenchido por um amor inexplicável. A barriga da minha namorada nem aparecia ainda nessa foto, foi no tal chá revelação, que quase me matou de ansiedade até partir o bolo e ver o recheio completamente azul.

Seremos pais de um garoto e um provável jogador de futebol, já que os chutes que dá nas costelas e bexiga da mãe são memoráveis. Ainda estamos em dúvida na escolha do nome, fizemos uma lista enorme, mas acabamos eliminando todos eles, então, se nosso filho nascesse hoje, não teria um nome.

Meu celular desperta, lembrando-me de que prometi à Carol acompanhá-la hoje à tarde nas compras das coisas do bebê, já que, segundo ela, só temos pouquíssimas coisas que ganhamos de presente de alguns amigos — e que, para mim, já seriam suficientes, mas ela insiste que o nosso filho precisa se vestir como um bebê da realeza.

Volto à atenção para as minhas anotações, quando o aparelho recomeça a tocar, sorrio ao ler o nome na tela.

— Estava pensando em você — digo, meio bobo, porque é assim que tenho andado nos últimos meses. — Daqui a pouco passo aí para te pegar.

— Que fofo! — Ela faz uma vozinha infantil. — Você é maravilhoso, mas sabe que eu consigo dirigir, não é, amor?

— Sim, formiguinha. — Uso um tom mecânico e a ouço bufar, derrotada, do outro lado. — É pelo seu bem e do bebê, não quero que se estresse no trânsito e sei bem como você dirige buzinando e gritando com as pessoas, por onde passa.

— Eu não tenho culpa de as pessoas não saberem dirigir tão bem como eu. — Sorri e quase posso ver sua expressão divertida ao dizer isso.

— Assim que acabar aqui, vou te buscar, formiguinha. — Brinco com um lápis, batendo-o sobre a mesa. — Fez a lista?

— Que lista, Ruan?

— Aquela de dois quilômetros com roupas para o bebê usar até os quatro anos. — Talvez eu tenha soado irônico e a escuto gargalhar.

— Exagerado! — ela ralha. — Só vamos comprar algumas roupas para os próximos dozes meses. Ah, quero ver uns dois pares de sapatinhos sociais.

— Formiguinha, nosso filho não é uma centopeia. Ele já tem mais sapatos do que eu — afirmo, e coço a cabeça. — Se continuarmos assim, estaremos falidos, antes de ele entrar na fase pré-escolar.

— Relaxa, amor, vai dar tudo certo. — Ela tenta me tranquilizar. — Te espero, beijo.

Almoçamos juntos no shopping e caminhamos um pouco pelas lojas, faço alguns comentários irônicos sobre os valores das roupas “*pititicas*”.

“São bordadas com fios de ouro.” Solto, ao descobrir o preço de uma manta.

“Ai, nossa, é mesmo necessário que um bebê use um mocassim de couro legítimo?” Carol me olha feio, quando desdenho sobre o valor sapatinho.

— Acho que vou chamar a sua mãe e seu Alberto para virem comigo da próxima vez — ela alfineta, quando saímos da loja.

— Não pode fazer isso, eu sou o pai desse bebê. — Seguro firme sua mão.

— E eles são avós e devem participar deste momento. — Ela estreita os olhos. — Acho que você e seu pai deveriam parar com essa guerrinha boba.

— Sabe que as palavras dele me machucaram, pequena. — Mordo o lábio, pensando se ela tem razão em insistir para que façamos as pazes.

— Mas Alberto está arrependido, vocês dois são *cabeças-duras*, mas sei que se amam. Só precisam se permitir. — As palavras dela ficam ecoando em minha cabeça, por muito tempo, depois que o assunto se encerra.

No fim da tarde, estamos exaustos e carregados de sacolas, na verdade, eu estou, *né*, já que Cá está esgotada por carregar nosso bem mais precioso. Passamos na confeitaria e ela escolhe algumas coisas para levar, depois seguimos para casa.

— Formiguinha, não acha que já temos o suficiente? — Cruzo os braços, encarando suas escolhas sobre o balcão da nossa cozinha.

— Nunca é demais, amor. Estou carregando seu filho, por favor. — Ela me lança um olhar de gatinho perdido. — Amanhã temos sessão de fotos, preciso estar bem alimentada e de bom humor.

— Que chantagista! — Me aproximo, envolvendo-a em meus braços, acariciando a sua barriga e beijando seu pescoço.

— Sou nada — ela diz, manhosa. — Só tenho bons argumentos e um

homem que me ama.

— Ah, pequena, você soube me enrolar direitinho nos seus nós, hein?!
— Encosto a cabeça em seu ombro, inspirando seu cheiro e deslizando as mãos sobre a barriga arredondada. — Sabe, a primeira vez que viemos aqui, eu contei uma história sobre um rapaz bobo, que não se achava digno do amor da melhor amiga. Preciso te contar que ele conquistou uma família linda ao lado daquela garota e ainda não se acostumou vê-la acordando ao seu lado, todas as manhãs, nem ao seu sorriso, quando ele lhe traz uma fatia de torta ou aos seus beijos quentes.

Os olhos dela estão cheios de lágrimas.

— Fala para esse rapaz bobo que, apesar de ele dever um pedido de casamento à garota, ela o ama e não pretende sair da sua vida tão cedo. — Nos beijamos apaixonados e certos de que fomos agraciados.

Como meu irmão dizia, alguns nós se fortalecem com o tempo, enquanto outros jamais são esquecidos. A verdade é que, de algum modo, sempre estivemos envolvidos no maior nó da vida: o amor.



Epílogo

RUAN

— Tem certeza de que ele vai ficar bem sem a gente? — Carol me pergunta, pela centésima vez, desde que entramos na aeronave.

— Vai sim, amor. — Seguro sua mão. — Meus pais o adoram e criaram dois filhos, com certeza vão saber cuidar do neto.

Ela bate em meu ombro levemente.

— Ruan! Sabe que não estou questionando isso — ela diz, em um tom quase ofendido. — É que nós nunca passamos tanto tempo longe do Rodrigo.

Sorrio ao me lembrar do rostinho esperto do nosso filho, escolhemos dar a ele o nome do meu irmão, como uma forma de agradecê-lo por tudo que nos ensinou e para que a sua memória permaneça sempre viva em nós.

— Fica calma, formiguinha. — Seguro seu queixo e deposito um beijo em seus lábios. — Dona Edna e seu Alberto vão dar conta do recado e, se acontecer algo, eles vão nos ligar.

Sei que ela tem razão em se preocupar, mas não me custa distraí-la de seus medos por uns momentos. Nosso filho tem quatro anos e minha esposa acredita que ele continua sendo um bebezinho de colo, quando nos casamos, há dois anos, fizemos uma rápida viagem de três dias até Gramado, que nem é longe de casa, já que moramos na capital. Finalmente consegui convencê-la

a fazer uma viagem ao nordeste do país, embora, só tenha conseguido uma semana, tenho certeza de que vamos nos divertir bastante.

— Tudo bem. — Ela suspira e muda de assunto. — Fico feliz que você e seu pai tenham se acertado, mesmo depois de tanto tempo.

— Eu também, pequena. — Faço carinho em seu rosto.

Realmente me sinto mais leve depois de ter tido uma conversa esclarecedora com meu pai, intermediada por minha mãe e minha esposa, alguns dias antes do nosso casamento. Admitimos nossos erros e nos perdoamos, porque viver em paz com as pessoas que amamos é a melhor decisão que podemos tomar.

Após algumas conexões, quase dezenove horas de voo e um pouco mais de cinco horas de carro, chegamos ao que eu chamo de pedacinho do paraíso. Mesmo à noite, já podemos ter uma pequena mostra do que nos espera quando o dia amanhecer, a entrada rústica e pouco iluminada exibe o nome Poço Azul Ecoturismo, o cheiro da natureza preenche o ar e, enquanto somos levados ao nosso chalé, leio as plaquinhas com frases criativas penduradas nas árvores, pelo caminho.

“Que os sorrisos sejam eternos. Que a vida seja calma. Que os sonhos sejam possíveis. Que a gente tenha paz. Que os amores sejam reais. Que os dias sejam mais doces. Que a felicidade nos alcance. Que a gente seja feliz!”

O local inteiro transmite uma paz e me sinto envolvido por uma maravilhosa sensação de estar no lugar certo, no melhor momento, acompanhado pela mulher mais incrível do mundo.

— Meu Deus, é tudo tão lindo! — Carol diz, observando o caminho iluminado por onde viemos, através da janela, assim que nos instalamos. — Como descobriu este lugar, amor?

— Pesquisando sobre ecoturismo no nordeste. — Caminho até ela e a abraço. — Claro que havia muitas opções, mas as fotos sobre Poço Azul, aqui no Maranhão, me convenceram de que seria um bom ponto de partida para esta nova fase da nossa vida.

— E que fase é esta? — Cá se vira para mim e me olha, desconfiada. — Ainda não estou preparada para ter outro filho, marido!

— Eu achei que não estaria e... — Beijo seu pescoço. — É por isso que decidi que vamos conhecer lugares que lembram a nossa casa e que sejam cercados pela natureza.

— Uau! Sabe que eu já comecei a gostar dessa sua ideia. — Ela me olha, cheia de segundas intenções, e começa a desabotoar minha camisa, me empurrando para a cama.

— Admita, eu tenho as melhores ideias! — Distribuo beijos pelo seu pescoço. — Eu e você, sozinhos, em um chalé no meio da natureza.

Carol me derruba sobre a cama e engatinha sobre mim, nossas bocas se encontram, sedentas. Percorro cada parte do seu corpo com as pontas dos dedos e, céus, essa mulher é a melhor coisa que podia ter acontecido na minha vida, nos perdemos entre toques, beijos e os lençóis macios.

O dia amanhece, despertamos como se estivéssemos sido teletransportados a uma realidade paralela, os sons são os mais perfeitos possíveis. Pássaros que cantam felizes, o farfalhar das árvores nos lembra que estamos em um paraíso e, bem distante, escutamos o som de quedas d'água.

— Acorda, formiguinha! — sussurro, estreitando-a em meus braços.

— Não quero abrir os olhos e descobrir que tudo foi um sonho — ela resmunga.

— Aposto que não foi e de dia tudo é mais bonito. — Deslizo os dedos pelos seus braços e encosto os lábios na pele macia dos ombros.

Nos beijamos e nossos corpos se incendeiam novamente, tenho a sensação de que os dias que passaremos por aqui serão os melhores que já tivemos.

Sair do quarto foi quase impossível, mas quando o fizemos, fomos brindados por uma paisagem de tirar o fôlego, após o café da manhã descemos pelas trilhas até as cachoeiras e constato que foto nenhuma foi capaz de captar toda a beleza esculpida pela natureza neste lugar.

No fim da tarde, cansados e, ainda assim com as energias renovadas, deitamos juntos na varanda do chalé, em uma rede de madeira, para apreciarmos o pôr do sol e agradeço aos céus por todas as bênçãos recebidas.

— Ruan — Carol diz, baixinho. — Obrigada por me tirar da escuridão.

— Não precisa agradecer. — Acaricio seus cabelos. — Eu amo você, pequena, e juro que faria tudo outra vez para termos esse final.

— Não me faça chorar, amor. — Ela encosta os lábios nos meus. — Amo você!

Nos beijamos, embalados pela melodia da natureza e ficamos abraçados por um longo momento. Por muito tempo, acreditei que os nós da

minha vida nunca se atariam ao de alguém que não fosse parte da minha família, de modo tão definitivo. Cheguei até mesmo a pensar que o amor não era para mim, mas o tempo provou que ele é o melhor conselheiro e não importa por onde andamos, os nossos nós sempre se atam a quem estamos destinados, de uma forma ou de outra.

Fim.



Sobre a autora

Crys Carvalho é uma paraense apaixonada pelo mundo dos livros desde a infância. Fascinada por romances clichês com finais felizes, começou a escrever como um meio de viajar por universos criados por ela mesma e, por fim, decidiu compartilhar com algumas leitoras, que a receberam de braços abertos.

Tem publicados em formato de e-book, os livros e contos: O tempo não apaga; Rally da vida; Acordando para o amor; Escolhidos pelo amor; O amor tudo crê; O amor tudo suporta; O amor tudo espera; Descompasso do amor; A escolha de Hugo; Guardiões do Santuário; Uma namorada para o papai; Ainda sou tão seu.

Em formato físico, os livros:

Incorruptíveis (Editora Constelação); Coletânea de contos O amor é tudo (Independente); Escolhidos pelo amor (Editora Halieus); Rally da vida (Independente);

Com participações nas antologias:

Contos para gozar sozinha (Editora Hope); Segredos de luxúria (Editora Rico); Sonhos Literários (Selo Editorial Independente); Música em contos 2 (Independente); Apaixone-se (Editora Qualis) e Marca da promessa (Selo Barca Cristã).

REDES SOCIAIS:

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

[WATTPAD](#)

[TWITTER](#)

[FANPAGE](#)